

“POR QUE PROCURAIS ENTRE OS MORTOS AQUELE QUE VIVE?” (Lc 24, 5b)

*Prof. Dr. Pe. Marcos Mendes de Oliveira**

Resumo

Inspira-se nas palavras dos homens com vestes fulgurantes para as Santas Mulheres no Santo Sepulcro pela passagem do primeiro dia da semana: “Por que procurais entre os mortos aquele que vive?” (Lc 24,5b). Parte-se da abordagem da relação da ressurreição e historicidade, incluindo Reimarus, ponto de partida das teses sobre o Jesus histórico. Reflete-se a ressurreição no ensino e ações do Senhor, inclusive suas profecias sobre sua morte e ressurreição. Na relação com a historicidade, dedicamos também algumas indicações sobre milagres e magia. Em seguida, abordamos a Teoria da Dissonância Cognitiva, que nega a ressurreição do Senhor e a resposta vai ser expressa com ajuda da Psiquiatria. Analisam-se a expressão “Che vive!” e a afirmação de F. Nietzsche de que “Deus está morto!” Ao final, trazem-se algumas conclusões sobre os estudos do Santo Sudário, que exprimem a relação da Ressurreição do Senhor com a ciência dos tempos modernos. As informações transitam de áreas da Filosofia, da Teologia e da Ciência, e o estudo tenta situar a importância do tema da ressurreição nos dias de hoje.

Palavras-chave

Ressurreição. Reimarus. Nietzsche. Ernesto. Sudário.

Abstract

Our article is inspired by the words of men with glittering robes for the Holy Women at the Holy Sepulchre by passing the first day of the week: “Why are you looking among the dead for one who is alive?” (Lk 24,5b). We start from the approach regarding the resurrection and historicity, including Reimarus, the starting point of the thesis about the historical Jesus. We reflect the resurrection in the teaching and actions of the Lord, including his prophecies about His death and resurrection. In relation to the historicity also we dedicate some indication of miracles and magic. Then we approach the Cognitive Dissonance Theory, which also denies the resurrection of the Lord and our response will be presented with the help of psychiatry. We have analyzed the expression “Che lives!” and the statement F. Nietzsche that “God is dead!” At the end, we present some conclusions on the studies of the Shroud, which put to us the relationship of the Lord's Resurrection with the cutting-edge science of modern times. The information transiting areas of philosophy, theology and science, and the study attempts to situate the importance of the resurrection theme today!

Keywords

Resurrection. Reimarus. Nietzsche. Ernesto. Shroud.

1 Introdução

As palavras dos homens com vestes fulgurantes para as Santas Mulheres no Santo Sepulcro pela passagem do primeiro dia da semana: “Por que procurais entre os mortos aquele que vive?” (Lc 24, 5b) inspiraram esta pesquisa sobre a ressurreição do Senhor.

A proclamação na Ressurreição do Senhor é parte da essência da novidade cristã. Infelizmente temos visto confusões em torno do assunto, e até mesmo teólogos desconsiderarem ou mesmo negarem a Ressurreição do Mestre.

Por isso, nos sentimos motivado a abordar a questão, as confusões em torno do tema e procurar luzes que nos ajudem no meio do fogo cruzado a dar razões da nossa fé.

Partimos, então, da abordagem da relação da ressurreição e historicidade, com novas abordagens expressas para, em seguida, vermos a afirmação de Reimarus de que a ressurreição foi uma invenção dos discípulos. Consideramos o enfoque, em Reimarus, necessário, por ser o embrião de todo o desenvolvimento das teses do Jesus histórico.

Expressamos, neste ponto, a ideia de que o tema da ressurreição não foi algo que emergiu só após a morte de Jesus de Nazaré, mas era um ensino que fazia parte dos discursos e ações do Mestre. Dentre esses discursos, nos detemos, particularmente nas profecias sobre sua Paixão, Morte e Ressurreição.

Entre as dificuldades que serão demonstradas, temos a leitura de Jon Sobrino, que se aproxima muito das teses do Jesus histórico, numa perspectiva deísta. Por outro lado, procuramos ver em dificuldades da Filosofia sobre a compreensão do Ser, luzes que possam nos situar diante dessas mesmas teses.

Como as abordagens do Jesus histórico tendem a negar os milagres narrados nos evangelhos, abrimos um espaço para tratar do tema da desmitologização em torno desses prodígios. Em razão de problemas pastorais envolvendo a questão, relacionamos também a realidade dos milagres com a magia.

Além da teoria da conspiração, de Reimarus, outros sistemas surgi-

ram para explicar e negar a ressurreição, dentre essas a Dissonância Cognitiva, onde a resposta é encontrada na Psiquiatria.

O tema da ressurreição também é objeto de confusões e claras negações. A expressão “Che vive!” quer colocar a presença, nos dias de hoje, de Ernesto Guevara, do mesmo modo que os cristãos afirmam a presença viva do Senhor na história. Outra situação é dada pela filosofia de F. Nietzsche - “Deus está morto!”- que se exprime como afirmação contrária àquela dos homens de vestes reluzentes de lado do Santo Sepulcro. Procuramos fazer uma leitura das duas situações citadas.

Ao final, aportamos algumas conclusões sobre os estudos de áreas diversas da Ciência sobre o Santo Sudário, que expressam a relação da Ressurreição do Senhor com a Ciência dos tempos modernos.

A pesquisa procura fazer um diálogo entre a Filosofia, Teologia e Ciência.

A fé na Ressurreição, sob a perspectiva da tradição cristã, não é algo fantasioso ou irracional, muito pelo contrário, é a Boa Notícia que deve alcançar a todos, porque é a grande novidade para os rumos da humanidade.

2 O local da Ressurreição do Senhor na história

A fé na Ressurreição do Senhor é a base da proclamação do Evangelho. É dito que a base do querigma é a morte e a ressurreição do Senhor. Nos quatro evangelhos, temos este testemunho: o Senhor Ressuscitou!¹

Podemos considerar ainda incluído o batismo, porque também ele é

1 Pe. Caetano Minette de Tillesse fez um precioso estudo sobre o querigma nos primeiros números da Revista Bíblica Brasileira, localizando o querigma como base da Teologia (C. M. TILLESSE, *Querigma primitivo...*, Revista Bíblica Brasileira (RBB), Fortaleza, Ano 2, volumes 1-2-3-4, 1985). Sintetizou o problema estabelecido por Bultmann, apesar de não seguir os seus resultados. Tillesse faz a sua pontuação. Segundo Bultmann, o ponto de partida do estudo crítico não é o Jesus histórico, mas a fé da Igreja primitiva. (vol.1,17-26). Na RBB, temos ainda a pesquisa sobre o querigma primitivo, o de Paulo e em Atos, tendo como base o texto clássico sobre o assunto de Charles Harold Dood, *The Apostolic Preaching and its Developments*. London: Hodder - Stoughton, 1936, (8) 1956, pp. 96. Indica a obra que o “Evangelho é um só, tanto de Paulo, como de Jesus, como dos outros apóstolos. Não há outro Evangelho. As teologias (de Paulo, João, Apolo, etc) edificadas em cima deste alicerce podem variar, mas a base, o QUERIGMA, é um só (1Cor 2,11; Gál 1,8-9)” (vol. 2, p. 35). Num terceiro momento, baseado na sua famosa obra C. M. Tillesse, *Le Secret messianique dans l'Évangile de Marc*. Paris: Du Cerf, 1968, analisa a relação do querigma e Evangelho de Marcos. Na quarta parte, o tema continua com o sentido da palavra EVANGELHO no Antigo Testamento.

mostrado nos quatro evangelhos. A *Formgeschichte* indica que aquilo repetido nos quatro evangelhos tem grande teor histórico. Assim, o batismo, a morte e a ressurreição do Senhor guarda enorme relevância como fontes históricas de estudo.²

São Paulo considerava mesmo que a ressurreição do Senhor não era apenas um detalhe, mas o fato que dava toda a consistência na fé em Jesus de Nazaré (1Cor 15,14).

Apesar disto, a ressurreição foi colocada na periferia dos fatos considerados históricos. A compreensão do Jesus histórico seria apenas até a morte, excluindo a ressurreição. A dimensão do Ressuscitado seria uma elaboração da comunidade de fé. Alguns tentaram salvá-la dentro do esquema como um elemento trans-histórico, mas, se é trans-histórico, implicaria também que aconteceu na história?

2.1 Indicações do surgimento do problema quanto à historicidade da ressurreição

O debate sobre o local da ressurreição nos estudos técnicos é árduo: é histórico? É trans-histórico? É real?

Para abrir a questão, podemos olhar para alguns estudiosos do assunto e perceber um pouco a atual situação do debate.

A pesquisa liberal de Kirsopp Lane indicou que as narrativas da ressurreição foram lendárias, mas que o importante é a crença na imortalidade da alma.³ Na sequência, temos que Karl Barth entendeu que a ressurreição não poderia ser compreendida como evento histórico, no seu

2 O método histórico-crítico, depois de 250 anos de indicações, chegou a um esgotamento. Apesar de ser ainda o método utilizado em muitos centros acadêmicos, a tentativa de explicar tudo no quadro da razão, marginalizando a fé, levou-o a considerações que nem podem ser apresentadas nas missas. Não porque sejam grandes suas descobertas, mas que a falta de fé racional ficou incompatível com a afirmação da fé eclesial. Nem todo método é compatível com a leitura bíblica. Inclusive, são indicadas exaustões do método também nos países do hemisfério sul. Ao mesmo tempo, em que se procura novos métodos, outras hermenêuticas são apresentadas que trilham caminhos incompatíveis com os textos sagrados, como uma leitura de gênero das Escrituras, que desdizem tudo aquilo que a Bíblia fala. Esse tipo de leitura tem uma inteligência para revirar todas as orientações, para dizer que o certo é errado e o errado é o certo. Cf. Augustus Nicodemos Lopes (presbiteriano). *O dilema do método histórico-crítico na interpretação da Bíblia*. FIDES REFORMATATA X, Nº 1 (2005): 115-138; *idem*. *Protestante: evangélicos estão voltando para a Igreja Católica*. In: <https://www.youtube.com/watch?v=l509HAMk2Kc>.

3 Kirsopp Lane, *The historical Evidence for the Resurrection of Jesus Christ*. London – New York: Williams & Norgate – G. P. Putnam's Sons, 1907.

estudo sobre a Carta aos Romanos, de 1919.⁴ Para ele, “a ressurreição toca a história como uma tangente toca um círculo – isto é, sem realmente tocá-lo”.⁵ O toque de Tomé nas chagas do Senhor Ressuscitado coloca uma interrogação na afirmação (Jo 20, 27).

Na disputa liberal, Ernst Käsemann criticou o ceticismo do seu mestre Bultmann sobre a ressurreição, solicitando uma reabertura sobre o que era histórico acerca de Jesus. Seguindo esta linha de pensamento, Marburgo Hans Grass sujeitou a ressurreição à pesquisa histórica, indicando que foram eventos objetivos.⁶

Aquilo, que parecia óbvio para os fiéis passou a ser questionado com o desenvolvimento dos estudos sobre o Jesus histórico, que o vê apenas pelo lado humano, e desconsiderou sua dimensão divina; ou seja, a dimensão hipostática do Senhor foi deixada de lado.⁷

2.2 Novas apresentações sobre a relação entre ressurreição e historicidade

As indicações feitas anteriormente ilustram rapidamente uma mudança quanto às leituras dos fatos da ressurreição e sua aceitação de historicidade.⁸ Podemos ainda indicar, no entanto, compreensões novas contrárias às formas céticas da teologia liberal.

Desenvolvimentos posteriores deram uma guinada na compreensão histórica da ressurreição. Wolfhart Panneberg desenvolveu toda uma Cristologia nas evidências históricas da ressurreição. O foco de ver a vida de Jesus com suporte na ressurreição levou o autor a defender a historicidade da ressurreição.⁹ No caso da ressurreição, é a ressurreição de Jesus que providencia o contexto decisivo para entender e interpretar toda a história subsequente, e não vice-versa.”¹⁰

4 Karl Barth, *Carta aos Romanos*. (5ª. ed.) São Paulo: Saraiva, 2009.

5 William Crag, *Contemporary Scholarship and the Historical Evidence for the Resurrection of Jesus Christ*, *Truth Journal*, Anaheim, California, USA, vol. 1, pp. 89-95, 1985.

6 *Ibidem*.

7 Problema que faz referência à *communicatio idiomatum*, solução dada pelo Concílio de Calcedônia (451) in: DENZINGER – HÜNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas – Loyola, 2007, n. 300, p. 113.

8 W. CRAIG, *op. cit.*

9 Wolfhart Panneberg, *God of Man*. Philadelphia: Westminster Press, 1968.

10 C. Brown. *Ressurreição*, in: L. COENEN & C. BROWN, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007, pp. 2055-2105, aqui 2099.

Incluem-se nas mudanças as pesquisas advindas do judaísmo, indicando que o Deus de Israel ressuscitou Jesus dentre os mortos.¹¹

Para Bento XVI, a ressurreição era tão real como a cruz. Indica que os discípulos, depois da hesitação e maravilha inicial, foram conquistados pela realidade que era de fato: o Senhor que lhes apareceu. “A fé na ressurreição não contesta a realidade existente, mas ela afirma: há uma dimensão ulterior, além das que conhecemos até agora”.¹² A ressurreição corpórea tem suas resistências com a Ciência moderna em virtude do modo errado de expressar o tema. Existem concepções que consideram irrelevantes o destino do cadáver. “Especulações teológicas segundo as quais a corrupção e a ressurreição de Jesus seriam incompatíveis uma com a outra, pertencem ao pensamento moderno e estão claramente em contraste com a visão bíblica. Inclusive, com base nisso, confirma-se que teria sido impossível a jazer no sepulcro.”¹³

Na introdução do seu trabalho *A Ressurreição do Filho de Deus*, o anglicano N. T. Wright debate a problematização da relação ressurreição e historicidade. Entra em controvérsia com Hans Frei, ao assinalar que não devemos investigar a ressurreição historicamente, porque a ressurreição é o fundamento da ciência cristã.¹⁴ Na opinião de Wright, nada impede que um historiador analise o fato, não é uma zona proibida de estudo, não se pode colocar *a priori* o que os demais podem ou não estudar. Cita Moule dentro da controvérsia:

Um Evangelho que se importa apenas com a proclamação apostólica e nega que possa ser testado por seus antecedentes históricos é, de fato, apenas um gnosticismo ou do cetismo fracamente velado e, independentemente de quanto tempo ele ainda continue a existir, provará no fim das contas não ser Evangelho.¹⁵

Já segundo Pe. Armand Puig,

[...] a ressurreição é um acontecimento que supera as coordenadas de qualquer aproximação histórica, uma vez que entra no campo daquilo em que se pode ou não acreditar. A História... não fica silenciosa face à

11 Pinchas Lapide, *The Resurrection of Jesus. A Jewish Perspective*. Eugen, OR, USA: Wipf & Stock Pub, 2002; *Idem, Jewish monotheism and Christian trinitarian doctrine: A dialogue*. Minneapolis: Fortress Press, 1981.

12 Bento XVI, *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. Trad. Bruno Bastos Lins, São Paulo: Planeta, 2011, p. 222.

13 *Ibidem*, pp. 230-231.

14 N. T. Wright, *A Ressurreição do Filho de Deus*. São Paulo: Academia Cristã – Paulus, 2013, 1104 pp., p. 55.

15 *Ibidem*, 58.

ressurreição de Jesus, mas não pode captar a sua verdadeira singularidade, tudo o que esta representa.¹⁶

O famoso registro histórico de Jesus fora dos Evangelhos é o texto chamado *Testemonium Flavianum*. Flávio Josefo, ao narrar a história dos hebreus, registra: “Os que o haviam amado durante a sua vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas haviam predito, dizendo também que ele faria muitos outros milagres.”¹⁷ Na versão árabe, temos algumas diferenças: “Eles relataram que ele tinha aparecido para eles três dias após a crucificação, e que ele estava vivo. Eles acreditavam que ele era o Messias, a respeito de quem os profetas tinham contado maravilhas.” Os estudos sobre o *Testemonium Flavianum* e de sua autenticidade levam a novas considerações sobre registros históricos que falavam sobre a ressurreição do Senhor.¹⁸

As indicações dos autores citados nos dão já uma ideia de uma nova situação do local da ressurreição e de sua relação com a história. Detemo-nos ainda, porém sobre algumas considerações da leitura crítica dos evangelhos.

3 Reimarus e a Ressurreição

A diminuição sobre a importância da ressurreição do Senhor foi um dos temas da obra de Reimarus: *Apologie oder Schutzschrift für die vernünftigen Verher Gottes* (Apologia ou Defesa dos Adoradores de Deus segundo a Razão), 1744, considerada o marco inicial da pesquisa sobre o Jesus histórico.¹⁹

16 Armand Puig, *Jesus. Uma biografia*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 658.

17 Flávio Josefo, *História dos Hebreus. De Abraão à queda de Jerusalém*. Obra completa. Traduzido por Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, n. 772, p. 832.

18 Shomo Pinés, *An Arabic Version of the Testimonium Flavianum and its implications*. Jerusalém: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1971; Alice Whealey, *Josephus on Jesus. The Testimonium Flavianum Controversy from Late Antiquity of modern Times*. New York: Peter Lang Publishing, 2003. *Studies Biblical Literature* 36.

19 C. M. Tillesse, O problema sinótico, *Revista Bíblica Brasileira* (RBB), Fortaleza, n. 1, pp. 3-22, 1988; Albert Schweitzer, *Von Reimarus zu Wrede: eine Geschichte der Leben-Jesu-Forschung*. Tübingen: J. C. B. Mohr - Paul Siebeck, 1906. A obra que só foi lançada posteriormente por G. E. Lessing, em 1774-78 – versão em inglês: *Fragments from Reimarus – Brief critical Remarks on the object of Jesus and his disciples as seen in the New Testament. Translated from the german of G.E. Lessing*. London - Edinburgh: Williams - Norgate, 1879. Dos fragmentos, o que mais nos interessa são aqueles publicados em 1778, *Vom Zwecke Jesu und seiner Jünger* (As intenções de Jesus e de seus discípulos), citado em: Caetano Minette de TILLESSE, *op. cit.*, 5. Conferir: Chisholm Hugh, *Lessing, Gotthold Ephraim*. In: *Encyclopædia Britannica*. Cambridge: Cambridge University Press, 1911.

Na sua obra, então, Reimarus explica por meio do próprio título a sua visão sobre o Jesus de Nazaré. O autor era deísta, um dos que procura explicar tudo segundo a razão.²⁰ Para um deísta, Deus existe, mas não interfere na história. É como um Deus de Aristóteles, que deu as costas para a obra da criação.²¹ Giovanni Reale diz ainda sobre a visão do Estagirita sobre Deus:

Outra limitação do Deus Aristotélico – que tem o mesmo fundamento da precedente: o fato de não ter criado o mundo, o homem, as almas individuais – consiste em que ele é o objeto de amor, mas não ama (ou, no máximo, só ama a si mesmo). Os indivíduos, enquanto tais, não são objeto do amor divino: Deus não se volta para o homem e muito menos para o homem individual. Cada um dos homens, como cada coisa, tende de vários modos para Deus, mas Deus, como não pode conhecer, também não pode amar nenhum dos homens individuais.²²

A visão é completamente diferente daquela expressa na tradição judaico-cristã. Por isso mesmo, a antipatia dos deístas e seguidores quanto a tudo aquilo que diz respeito aos milagres. Se o milagre for aceito é dentro de uma possível explicação racional para o ele. Tudo é explicado pela razão, onde não existe espaço para a fé.

A tradição cristã não elimina a razão, mas é também um apelo à fé, que extrapola as possibilidades do racional.²³ A Ciência quis situar a Religião de lado, porque encontrou as explicações para muitos fenômenos da natureza que a Religião não explicava empiricamente. O fato de a Ciência conseguir explicar certos fenômenos naturais não diz por si só que a razão é a única porta para o conhecimento verdadeiro. Apesar de todo o progresso, a Ciência não conseguiu colocar um referencial ético à altura daquele indicado pela tradição judaico-cristã; a tal ponto que, mesmo se Deus não existisse, o homem deveria continuar a ser compreendido como imagem e semelhança de Deus.²⁴

20 Giuseppe Segalla, *A pesquisa do Jesus histórico*. Silva Debetto C. Reis, São Paulo: Loyola, 2013, pp. 50-52; Augustus Nicodemos Lopes, *op. cit.*, 117-119.

21 Batista Mondin, *Curso de Filosofia*, I. São Paulo: Paulinas, 1982, 97.

22 Giovanni Reale, *História da Filosofia Antiga. II*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 373.

23 “Se uma reflexão anterior compreendeu de maneira racional o que é incompreensível (*rationabiliter comprehendit incomprehensibili esse*) o modo como a sabedoria suprema sabe aquilo que fez (...), quem explicará como ela mesma se conhece e exprime, dado que sobre ela o homem nada ou quase nada pode saber?” – Santo Anselmo, *Monologio*, 64: PL 158, 210, in: João Paulo II, *Carta Encíclica Fides et ratio*. (1998) São Paulo: Paulinas, 2008, n. 42.

24 AA.VV., *Éticas da Mundialidade. O nascimento de uma ética planetária*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 29; Hans Jonas, *Il principio responsabilità. Un'etica per la civiltà tecnologica*. Torino: Einaudi, 2002, 30-32; *Idem, Tecnica, medicina ed etica. Prassi del principio responsabilità*. Torino:

A primeira questão é que as teses que foram colocando em xeque a ressurreição do Senhor partiram de pessoas que não tinham a fé cristã. Procuraram explicar através da razão a pessoa de Jesus de Nazaré, e depois tentaram impor aquilo e que deveriam acreditar os fiéis. Uma coisa mais ou menos assim: os que não têm fé orientam os que têm fé!

Reimarus, não podendo aceitar pela fé o fato da ressurreição, teve que dar uma explicação para o que ocorreu.

Qual foi a explicação de Reimarus?

Ela não existiu, foi uma invenção dos discípulos de Jesus de Nazaré.

Vale lembrar que, apesar de a tese de Reimarus provocar tanta polêmica, não era uma tese nova. Ela já estava inserida nas narrativas dos evangelhos, seria a explicação dada pelo Sinédrio, caso os discípulos viessem a comentar sobre o assunto. (Mt 27, 62-66).

Mas Reimarus teve que explicar o que aconteceu com Jesus de Nazaré. Como ele parte da premissa que não houve ressurreição, o que deveria ter acontecido então? Deveria ter uma explicação não apelando para a fé, mas meramente para a lógica racional. Ele vai explicar a missão de Jesus de Nazaré separando-o completamente da sua ressurreição. Vai dizer que Jesus de Nazaré foi um subversivo político, que teve seu plano fracassado.²⁵ Para melhor passar, seus discípulos roubaram o corpo do

Einaudi, 1997, 55-65.

25 Apesar de haver um destaque de Jesus como revolucionário, o grande problema do método-crítico incluía a indicação de que o Jesus histórico não teria fundado a Igreja. Caso isto fosse comprovado, todas as igrejas teriam o mesmo *status* e a Igreja Católica seria inserida num patamar igual às demais denominações cristãs. O método estrangulou-se ao ser constatado, por Bultmann, que nem a fonte Q poderia comprovar esses anseios evangélicos. Ele estranhou que os católicos tenham tomado suas premissas para continuá-las dentro da Igreja Católica, ou seja, teólogos católicos passaram a usar teses eclesiológicas não confirmadas pelos próprios evangélicos como sendo verdadeiras para a Igreja Romana. Quer dizer, não se provou que o Cristo não fundou a Igreja, mas os católicos passaram a vender a ladainha de que Jesus não tinha fundado a Igreja. (C. M. Tillesse, O problema sinótico, *op. cit.*, 7-9) As teses passadas de que Jesus anunciara o Reino, mas surgiu a Igreja faz parte do mesmo bojão para retirar a autoridade da Igreja deixada pelo Cristo. (Alfred Loisy, *L'Évangile et l'Église*. 3. ed., Paris: Bellevue, 1904, p. 155). Quando os teólogos da libertação importaram o modelo europeu do Jesus histórico como instrumental de uma teologia mais inserida no meio popular, absorveram de forma também a crítica as ideias protestantes que faziam parte do "pacote". Hoje emerge a partir disto, um ecumenismo popular, que foge da questão que a Igreja Católica foi fundada e a primeira Igreja. (Ivo Poletto, *Mística e espiritualidade*. Goiânia: Caritas, 2003, p. 29) Não se pode fazer ecumenismo em troca de não se encarar verdades que se impõem tanto histórica, como teologicamente (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração "Dominus Iesus"*

Mestre e depois inventaram que Ele teria ressuscitado.²⁶

O caminho do deísta é invertido do método que levou à redação dos evangelhos. Estes são uma leitura da vida do Mestre desde sua ressurreição. O olhar de Reimarus é a fé na Ressurreição.

Seria interessante acolher a proposta de Reimarus, se pudéssemos considerar que tinha um grau de consistência nas suas afirmações com confirmações históricas. Seu caminho de desdizer aquilo que é apresentado nos Evangelhos, no entanto, possui um alto grau de contradições e de fragilidade de argumentações. Infelizmente, sua proposta foi recebida acriticamente por muitos. O caminho traçado é apresentar Jesus de Nazaré como um personagem meramente humano interpretado falsamente pelos seus seguidores como o Cristo, o Filho de Deus.

As causas da morte de Jesus seriam meramente humanas, mas isto contradiz profundamente os evangelhos, que registram a causa primeira da condenação pelo Sinédrio mediante um motivo de fé, sua dimensão de ser o Messias, o Filho de Deus.²⁷

Apesar de a tese de Reimarus ter passado por diversas variações, percebe-se ainda que o básico se mantém: a visão sobre Jesus de Nazaré está limitada à política e sua dimensão divina é esquecida.

sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2000) O método ao colocar em questão a autoridade da Palavra de Deus, que foi sua ruína, não conseguiu desfazer a autoridade da Igreja, porque seria aceitar a própria não autoridade da Palavra. Uma situação de grande contradição. As consequências do dito ecumenismo popular é que o ecumenismo na verdade se tornou não um ecumenismo em torno de Jesus, mas de causas da esquerda política. O ecumenismo se tornou um disfarce para se usar a Igreja para apoiar aborto, temas contra a família, movimentos guerrilheiros de índole marxista-lenista, até de apoio ao narcotráfico. A negação da autoridade da Igreja gerou não uma ortopráxis, mas uma heteropráxis completamente estranha aos Evangelhos.

26 C. M. Tilesse, *op. cit.*, 3-22, p. 4; Armand PUIG, *op. cit.*, p. 643.

27 Mt 26, 63b-65b - "E o Sumo Sacerdote lhe disse: 'Eu te conjuro pelo Deus Vivo que nos declares se tu és o Messias, o Filho de Deus'. Jesus respondeu: 'Tu o disseste. Aliás, eu vos digo que, de ora em diante, vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu'."

Mt 14, 61b-62 - "O Sumo Sacerdote o interrogou de novo: 'És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?' Jesus respondeu: 'Eu sou. E vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo com as nuvens do céu'."

Lc 22, 70-71 - "Todos então disseram: 'És, portanto, o Filho de Deus?' Replicaram: 'Que necessidade temos ainda de testemunho? Ouvimo-lo de sua própria boca!'"

Jo 19,7 - "Os judeus responderam-lhe: 'Nós temos uma Lei e, conforme a Lei, ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus'."

Um dos atuais seguidores desta linha de pensamento é R. Aslam, em sua obra *Zelota*, que se tornou um best-seller mundial.

Apesar de Aslam considerar, entretanto, que Jesus de Nazaré não ressuscitou e identificá-lo com uma missão,²⁸ ele pontua o testemunho dos discípulos após a morte do Mestre, que surpreendem com a rapidez do testemunho nos mais distintos lugares, e com a morte infligida a muitos como consequência da notícia propagada.²⁹

Não teria aqui, nesta observação do identificador de Jesus como um zelota, algo que deveria ser colocado como várias interrogações? Como os discípulos arriscariam a própria vida e teriam tanto fôlego para divulgar uma notícia, se ela não fosse verdadeira?

Poderia uma invenção dos discípulos justificar uma mentira para dar tanto ímpeto na propagação da notícia da ressurreição?

A novidade da Ressurreição não seria a causa que teria provocado tanto influxo nos discípulos, a tal ponto que os fez sair com força e ânimo para anunciar o Ressuscitado para os mais distintos povos?

Não se confirma aqui a tradição da Igreja, que, sob o impulso do Espírito Santo, animou o testemunho da Ressurreição? Fica difícil, de fato, compreender o que aconteceu quando não se tem fé!

Pode ser que Reimarus tenha encontrado com seu grupo muitas justificativas. No caso de Aslan, o que explica é apenas a grandeza moral do personagem.

A explicação da Igreja, no entanto, continua lógica e também racional: apenas um fato verdadeiro e com grande força espiritual justifica o testemunho dos primeiros discípulos.

Eram o espírito de uma sociedade antiespiritual. Demonstraram que não eram o "ópio do povo"³⁰, mas aquilo de que as pessoas estavam necessitando dentro de uma sociedade corrompida e corruptora. Não foi um suspiro, mas um logos.

Observa-se que, dentro da tese de Reimarus, havia uma explicação sobre a Ressurreição. Sua explicação acerca da não existência de um ressuscitado só é possível porque faz referência à Ressurreição.

28 Reza Aslan, *Zelota – a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, pp. 190-200.

29 *Ibidem*, pp. 198-199.

30 Karl Marx, *Introdução à Filosofia de Direito de Hegel*, São Paulo: Boitempo, 2005.

Se Reimarus quis explicar a Ressurreição é porque o tema era importante, e não poderia ignorá-la. A força do tema vem daquilo que é afirmado pelos discípulos, que herdaram um discurso sobre a ressurreição do próprio Mestre. Por isso, vamos ilustrar um pouco a importância do ensino sobre a Ressurreição feito pelo Mestre.

4 Ensinos do Mestre sobre a Ressurreição

Os relatos sobre ressurreição nos discursos de Jesus de Nazaré não são posteriores apenas a sua morte, mas, antes mesmo, eles já estavam estabelecidos. Os evangelhos nos trazem estas indicações podemos reproduzir algumas.

- Controvérsia com os saduceus sobre a Ressurreição – Mt 22, 23-33; Mc 12, 18-27; Lc 20, 27-40;

- Ressurreição do filho da viúva de Naim;
- Ressurreição de Lázaro;
- Monte Tabor; e
- Profecias sobre a Ressurreição.

4.1 Controvérsia com os saduceus sobre a Ressurreição – Mt 22, 23-33; Mc 12, 18-27; Lc 20, 27-40.

Os saduceus eram um grupo conservador da classe fundiária e sacerdotal de Jerusalém. Não aceitavam o desenvolvimento do judaísmo difundido na literatura apocalíptica, não aceitavam a Ressurreição, a doutrina dos anjos e dos demônios e da vinda do Messias. Flávio Josefo equiparou os saduceus aos epicureus, o que revela uma conexão entre Teologia e Antropologia. Na Teologia, a dimensão estaria dentro do quadro da negação entre ação divina e humana, uma espécie de deísmo antecipado. Na Antropologia, poderia se perceber uma negação da Ressurreição e do Juízo como expressões do acento da responsabilidade somente na vontade humana.³¹ “O saduceísmo se apresenta portanto qual escola que, por negar a teoria da existência de Deus, se resolve na prática no ateísmo”.³²

31 Rudolf Pesch, *Il vangelo di Marco. II*. Brescia: Paidea, 1982, 348. *Commentario Teologico del Nuovo Testamento*.

32 R. Meyer in ThWb VII, 35-54,46. Cfr. também G. Baumbach, *Der sadduzäische Konservativismus*, in J. MAIER – J. Scheriner, *Literatur und Religion des Frühjudentums*, Würzburg-Gütersloh 1973, 201-213, cit. em Rudolf Pesch, *op. cit.*, p. 348.

4.2 Ressurreição do filho da viúva de Naim – Lc 7,11-17

É um texto encontrado apenas no terceiro evangelho.

Na sociedade patriarcal, uma viúva perder o filho único indica ficar sem o auxílio masculino e se colocar numa situação de extrema necessidade. Jesus entrega o filho de volta à mãe e demonstra uma grande misericórdia para com aquela viúva.

O povo o reconhece como profeta e vê no milagre realizado por Jesus a visita de Deus ao seu povo.³³

A Ressurreição do Cristo não é simplesmente uma ressurreição corporea, como neste caso, em que o filho depois experimentará novamente a morte. A Ressurreição do Cristo é para sempre, é eterna. Aqui não é um ensino com palavras, mas com gestos, para dizer que a Ressurreição faz parte do seu ensino e missão. Um pouco similar à ressurreição de Lázaro.

4.3 Ressurreição de Lázaro – Jo 11, 1-54

A narrativa é própria de João, e seu significado tem paralelo com a transfiguração no Monte Tabor expressa nos demais Evangelhos.

Ao analisar a narrativa, H. Strathmann considera que a resistência da incredulidade do Sinédrio procura sufocar a convicção no milagre. Lázaro já estava há três dias morto e em decurso de putrefação. O Estudioso indica que não se entenda o milagre como um encantamento ou uma magia, mas como uma exaltação da oração de Jesus (cfr. Jo 9,31). Esta relação de comunhão total, pessoal, viva, com Deus, se exprime na oração do Mestre e que dá ao mesmo tempo testemunho público desta relação. A oração não se exprime como uma comédia, mas torna-se também uma oração sobre a multidão, a tal ponto que os presentes creiam que Deus o enviou.³⁴

Uma coisa somente importa: quem crê no Filho não morrerá, mas viverá!

Após o milagre, o Sinédrio entra em clima de grande tensão. “O que faremos? Esse homem realiza muitos sinais. Se o deixarmos assim, todos crerão nele...” (Jo 11,48) Só haveria então uma saída para evitar que continuasse a fazer tais sinais: conduzi-lo à morte! As autoridades religiosas procuram agir para evitar os sinais que realizava e, deste modo, que o povo não passaria mais a acreditar nele como Messias.

33 AA.VV., *Novo Comentário Bíblico. São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Academia Cristã – Paulus, 2011, p. 258.

34 Hermann Strathmann, *II Vangelo secondo Giovanni*. Brescia: Paidea, 1973, 285-301.

4.4 Monte Tabor – Mt 17, 1-9; Mc 9, 2-10; Lc 9, 28-36

Ao descerem do Monte, após a transfiguração, o Mestre orienta para que não se fale nada sobre o assunto, apenas após a sua Ressurreição. Os discípulos ficam intrigados sobre o que viria a ser essa Ressurreição.

O texto indica, após a revelação de um segredo, uma orientação de silêncio sobre o assunto. O sofrimento que o Mestre iria enfrentar só seria explicado com a Ressurreição, como também a transfiguração no Monte Tabor.³⁵ O assunto da Ressurreição participava dos bastidores da vida dos discípulos provocado pelos próprios fatos que aconteciam ao acompanhar Jesus de Nazaré de um lado para outro.

Na montanha, o Senhor pede para que os discípulos guardem silêncio sobre a transfiguração. Havia a indicação de um segredo relacionado também à Ressurreição, que os discípulos não eram capazes de entender.³⁶ Depois, todos os ensinamentos anteriores vão encontrar sentido à luz da Páscoa do Senhor. Por isso, o caminho para entender a missão de Jesus de Nazaré desde a Ressurreição foi o método que a Igreja utilizou para compreender o Mestre com origem na sua orientação para que os fatos fossem proclamados e compreendidos. Ler a vida do Mestre à luz da Ressurreição foi uma orientação dada pelo próprio Jesus de Nazaré, o que a Igreja tem atendido ao longo dos tempos.

4.5 Profecias do Cristo sobre a Ressurreição

Mt 16, 21-21; 17, 22-23; 20, 17-19;

Mc 8, 31-33; 9, 30-32; 10, 32-34;

Lc 9, 32; 9, 44-45; 18, 31-33

O mais intrigante dos registros sobre a Ressurreição anterior ao Calvário, porém, são as profecias do Mestre sobre sua Morte e Ressurreição, que se dão três vezes antes de sua subida a Jerusalém: iria ser preso, condenado, morto, mas ressuscitaria ao terceiro dia! São as famosas profecias do Cristo contestadas pelos seguidores de Reimarus. Vejamos um pouco estas profecias. Por que são profecias?

O profeta era considerado um homem de Deus. No Antigo Testamento, é aquele que tem sonhos e visões dadas por Deus, e pode falar

35 Rudolf Pesch, *op. cit.*, 126-128.

36 Rudolf Bultmann, *op. cit.*, 71. Sobre o Segredo Messiânico em Marcos: C. Minette de Tillesse, *op. cit.*, 95-97; *Idem*, *Le Secret messianique dans l'Évangile de Marc*, *cit.*

sobre o futuro. Não necessariamente fala sobre o futuro, mas não está impedido que o fale.³⁷

Temos, assim, que as profecias feitas num passado se concretizaram em Jesus de Nazaré, como registram os evangelhos (Sl 21, Is 53). O fato de as profecias se realizarem em Jesus de Nazaré não é um ensino secundário nos evangelhos, mas de primeira ordem na missão do Mestre. Nos registros, temos a ênfase de que as profecias se cumprem naquele momento na Sinagoga de Nazaré (Lc 4, 16-30). Aos discípulos de Emaús, explica o que as profecias falaram sobre Ele (Lc 24, 13-35).

Ao analisar estas profecias do Mestre, no entanto, não precisava ser muito sábio para se ver que sua ida para Jerusalém o levaria à morte. Os textos reportam-se ao receio dos discípulos naquela subida para as festas pascais. O que tem de estranho e que dá um peso de profecia nestas palavras é a indicação de que ressuscitaria ao terceiro dia. Aqui está o sentido profundo da sua profecia e da novidade que iria se estabelecer. Saber que poderia ser preso e morto era fácil de concluir racionalmente, mas crer que Ele iria ressuscitar só através de um ato de fé.

A Igreja insiste na idéia de que nessas profecias é manifesta a relação de Jesus com o Pai. Não podemos entender a missão de Jesus de Nazaré sem sua percepção como Filho com o Pai. Negar isto é sair da tradição da Igreja, é deixar o seu credo.

Rudolf Bultmann entende que as profecias precisam ser aprofundadas na relação das profecias sobre o Filho do Homem e Filho de Deus. Uma teria o caráter mais histórico, a outra mais salvífico.³⁸ Em geral, a linha seguidora reimarusiana segue esta análise, como é o caso também de Aslan, que, insistindo na perspectiva zelota projetada sobre o Jesus histórico, insiste em ver a ação do Senhor como uma explicitação da profecia de Daniel e de um reino meramente terreno.³⁹

É dado que as profecias sobre o Filho do Homem têm um peso maior sobre o Jesus histórico. Não é dito, é que o Mestre possa ter dado um novo significado à mesma profecia de um reino terreno, e ter projetado para além das expectativas messiânicas políticas, que confundiu os estudiosos e religiosos da época, que o tiveram como um traidor.⁴⁰

37 A. Van Den BORN, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985, 1221-1225.

38 Rudolf Bultmann, *Teología del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 2011, pp. 64-72.

39 Reza Aslan, *op. cit.*, pp. 148-165.

40 Caetano Minette de Tillesse, *Nova Jerusalém. Vol. 1. Reino de Deus*, Fortaleza: Nova Jerusalém, 1986, 49-51.

Incompreensões dos profetas por parte do povo foram muitas. Basta lembrar a acusação que Jeremias sofreu de ser considerado um entreguista e um derrotista diante do cerco da cidade de Jerusalém, por parte dos babilônicos (586 a.C.).⁴¹

5 Jesus e a união hipostática

Para aprofundar a questão das profecias de Jesus, tomemos as explicações de um teólogo da libertação, Pe. Jon Sobrino.

Seguem as teses do Jesus histórico, segundo as quais aquelas profecias não são autênticas, foram invenções posteriores da comunidade primitiva, zerando a dimensão divina de Jesus de Nazaré.⁴² Que um ateu diga isto é uma coisa, mas que um padre o diga, o problema é bem diferente, justificando em torno de teses racionalistas.

Esta visão agrava-se quando, analisando a mediação do Cristo, considera que Jesus salvou apenas pelo seu lado humano, não envolvendo a sua dimensão divina.⁴³ Como, no entanto, separar as duas naturezas do Filho? Como fazer a desunião hipostática? Como dizer que foi apenas pelo lado divino e não humano? Ou, ao contrário, só pelo lado humano e não pelo divino? É um claro problema da *communicatio idiomatum* incompatível com a cristologia dos Concílios de Éfeso e Calcedônia.⁴⁴

41 *Ibidem*, 54-71.

42 SAGRADA CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ, *Notificação sobre as obras de P. Jon Sobrino S.J. - Jesu Cristo liberador. Lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret (Madrid, 1991) e La fe em Jesucristo. Ensayo desde las víctimas (San Salvador, 1999)*, V. A auto-consciência de Jesus Cristo, in: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20061126_notification-sobrino_po.html.

43 Análise da sua obra *La fe em Jesucristo. ensayo desde las víctimas*, in: *Ibidem*, IV, 7 § 5.

44 *Ibidem*. Vale considerar que esta tentativa de reformular o Símbolo da fé repete-se em outros da mesma linha teológica: “Em síntese, queremos construir uma Igreja cuja memória, credo e cânone sejam os quatro evangelhos, interpretados a partir do Jesus da história” -Pablo Richard, *Força ética e espiritual da teologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 186. Eduardo Hoornaert segue na linha de criticar os concílios do símbolo: *Os Evangelhos e as fórmulas dos concílios antigos: texto e contexto*, in: COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 172-179. As tentativas dos mesmos de tocarem no símbolo da fé confirma aquilo que é dito na V Conferência Geral do CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília – São Paulo, 2007, n. 179: “Em seu esforço de corresponder aos desafios dos tempos atuais, as comunidades eclesiais de base terão o cuidado de não alterar o tesouro precioso da Tradição e do Magistério da Igreja”, apesar de todas as lutas dos libertadores para retirar este texto do documento. Quando se toca neste assunto, muitos das CEB's desconhecem os argumentos. Na mesma linha, pode-se considerar a atualidade do documento da SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*. São Paulo: Paulinas, 1984, n. 15: “As teses das teologias da libertação estão sendo largamente difundidas,

Esta afirmação não se confirma, pelas repetidas vezes ditas, que a causa que levou o Cristo à morte foi o Sinédrio ter considerado que Ele blasfemou por se dizer Filho de Deus! A causa primeira da sua condenação foi o seu lado divino. O Sinédrio acreditou apenas num Jesus histórico, e, quando houve a provocação para a afirmação de fé, os membros ficaram como que fora de órbita, com gritos, com rasgos de roupas sacerdotais.

Esse tipo de orientação faz um grande mal, porque tem diversas conseqüências na pastoral, caso seja considerada como verdadeira. As questões divinas não interessam para a salvação, apenas as humanas. Oração, devoção, piedade popular tornam-se apenas meros instrumentais para uma conscientização política. O que importaria seria a revolução da práxis transformadora de um outro mundo possível, para não dizer uma prática insurrecional para viabilizar o projeto socialista comunista. É uma redução da Igreja a uma sucursal político-partidária.

As conseqüências da dogmatização desta posição é uma exagerado verticalismo, uma prática horizontalista de absolutização do mundo terreno, com um fechamento claro ao transcendente. Por isso mesmo, é necessário desdogmatizar Jon Sobrino.

Então, existiam relatos de Jesus de Nazaré relacionados com a Ressurreição. O tema não seria caro se não estivesse em destaque nos próprios ensinamentos do Senhor.

Poderiam, entretanto, ser relatos apenas de uma ressurreição escatológica. Nas profecias, porém, Ele aplica diretamente a sua missão em Jerusalém. Esta maneira de mostrar a Ressurreição não segue a tradição judaica, que tinha a indicação mais escatológica.⁴⁵

São os relatos da Ressurreição tão ligados a Jesus, que, para se desfazer de sua dimensão divina, é preciso desfazer-se da Ressurreição. Foi o caminho de Reimarus, que, para poder chegar a um Jesus meramente humano, teve que desconsiderá-la. É claro que esta explicação política do personagem histórico é muito atrativa para as mentalidades pós-moderna, incrédula, deísta e ateuista.

O fato de Reimarus e outros conseguirem traçar um caminho de um Jesus de Nazaré histórico, político, insurrecional e não ressurrecional não

sob uma forma ainda simplificada, nos cursos de formação ou nas comunidades de base, que carecem de preparação catequética e teológica e de capacidade de discernimento. São assim aceitas, por homens e mulheres generosos, sem que seja possível um juízo crítico.”

45 William Craig, *op. cit.*, pp. 89-95.

quer dizer que a resposta alcançada “racionalmente” corresponda ao Jesus de Nazaré autêntico, genuíno, o dito Jesuíno.

O Jesus de manto subversivo não implica que seja o Cristo de fato que viveu naquele tempo, mas apenas uma tentativa do Sinédrio atual de passar um Jesus de Nazaré que agrade ao ouvinte pós-estruturalista, mas que de essência não quer saber de nada.⁴⁶

Os estudiosos do Jesus histórico, numa adesão radical à razão e marginalização da fé, se esforçaram para encontrar um Jesus real, mas que na verdade encontraram um Jesus ao gosto da real mentalidade deísta. Não é pelo fato de que os estudiosos se debrucem por todos os lados, por mar, terra e ar, que se possa dizer que conseguiram os seus objetivos, de alcançar efetivamente aquele personagem histórico que foi Jesus de Nazaré.

6 Filosofia e paralelo aos estudos histórico-críticos

Para ajudar a pensar o limite do estudo do Jesus histórico podemos recorrer à Filosofia, quanto aos limites do estudo do Ser.

Por exemplo, o filósofo Martin Heidegger fez um aprofundado estudo sobre o Ser. Afirmou que as conclusões emanadas até então sobre o Ser não tinham dado as respostas importantes sobre ele. Partiu, então, de situações para falar do Ser, o eis-aí-ser e relacionou o Ser a atributos de entes determinados.⁴⁷

O longo e exaustivo trabalho do Alemão foi colocado em questão por outros estudiosos, como, por exemplo, Vittorio Hösle. A crítica hosleana aplicada a Heidegger parece poder nos ajudar a olhar a questão das conclusões sobre o Jesus histórico.

Segundo Vittorio, o pensamento de Heidegger “conduz a uma inconsistência dialética: não é possível considerar todo conhecimento histórico sem que esse conhecimento, por isso, seja considerado histórico e com isso em princípio superado.”⁴⁸

Todo conhecimento sobre Jesus ao longo da tradição da Igreja não pode ser considerado reduzível a um conhecimento já superado. Por que

46 James Williams, *Pós-estruturalismo*, Petrópolis: Vozes, 2012, p. 43.

47 Martin Heidegger, *Ser e Tempo*. 15ª. ed., Petrópolis – Bragança Paulista: Vozes – Universidade São Francisco, 2005.

48 Pe. Manfredo Araújo de Oliveira, *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 365.

teses sem comprovação histórica teriam mais peso do que os textos dos evangelhos? Dizemos sem comprovação, porque inúmeras vezes aos dados apresentados faltam diversos elos de ligação e são compreendidos dentro de uma probabilidade de explicação. Outras vezes, faz-se das probabilidades em milhão a única possibilidade de explicação. Se os autores têm criatividade para ver soluções probabilísticas, a Matemática sempre nos deixa também com o cheiro infinito de interrogações. “Será que foi isto mesmo que está me sendo dito aqui foi o que aconteceu?” - Podemos pensar. O máximo que se consegue responder é “um mais ou menos!”.

Podemos avançar mais: enquanto Heidegger quis chegar mesmo ao Ser, na verdade, encontrou uma forma historicizada do Ser. Do mesmo modo, os exaustivos trabalhos do Jesus histórico alcançaram não o Jesus real, mas um Jesus para atender as incredulidades modernas. Querer chegar ao Jesus histórico sem a fé é um caminho apenas para encontrar um Jesus fictício, porque esse caminho passa necessariamente pela Ressurreição que ocorreu após sua morte.

A tentativa de explicar uma realidade pode ter conclusões completamente atrapalhadas se as premissas forem falsas. Se o teólogo parte da premissa reimarúsiana de que Jesus não ressuscitou chega a uma conclusão atrapalhada.

As indicações históricas de que: o Mestre foi crucificado; do túmulo vazio; os discípulos por si mesmos não acreditariam na Ressurreição, passaram a divulgá-la até mesmo sofrendo perseguições e martírios. Uma mentira não levaria a uma tomada de posição tão corajosa como tiveram os primeiros cristãos para proclamá-la. É dito também que as evidências arqueológicas corroboram o que é dito nos evangelhos, retirando toda óptica de perspectiva lendária. O testemunho de Paulo, que era um perseguidor dos cristãos passou também a ser um argumento válido da Ressurreição do Senhor.⁴⁹ O Sudário de Turim também é um elemento que provoca grandes estudos científicos sobre a Ressurreição do Senhor, que fortalece aos racionais o apoio para que a Ressurreição seja acolhida de forma lógica, e não apenas por um apoio tardio de fé que não tem como se apalpar nos dias de hoje.

49 William Criag, *op. cit.*, pp. 89-95. Vale conferir o desenho animado realizado por evangélicos: *A Ressurreição de Jesus*. Impact 360 Institute, In: https://www.youtube.com/watch?v=F9wBN8V_Hks.

O estudioso pode revirar os textos para desdizer neles aquilo que é óbvio. É um jogo sutil, argumentações e teses que não se confirmam e são tomadas de modo dogmático. Chegam, é claro, a uma conclusão completamente diferente daquilo que testemunham os evangelhos. Existem aqueles que, se alguém disser uma tese que vai completamente contra o que está escrito nos evangelhos, são a favor de que esse alguém é o dono da verdade.

São grandes contradições, porque o Jesus de Nazaré insistia no testemunho da verdade, para depois o que se disse dEle ser considerado apenas mentiras, mitos e ilusões. É marcada por contradições essa forma de se tomar as premissas.

Por aquilo que aqui foi apresentado, a Ressurreição do Senhor é o ponto de partida e é a premissa verdadeira que deve ser colocada na compreensão do Jesus de Nazaré.

7 Milagres

Os defensores das teses do Jesus histórico normalmente tendem a se afastar da possibilidade da ocorrência dos milagres narrados nos evangelhos. Por isso, abordamos o tema em dois momentos: os Milagres na missão de Jesus Cristo, e Milagre e magia.

7.1 Milagres na missão de Jesus Cristo

No “pacote” das teses deístas sobre Jesus de Nazaré está a consideração de que Ele não realizou milagres. Isto está em total harmonia com a visão deísta das coisas, mas não com a tradição judaico-cristã.

Bastou David Friedrich Strauss (1808-1874) falar em desmitologização dos evangelhos,⁵⁰ que a linda palavra ecoou com uma prática não muito estética. Foi o suficiente para muitos passarem o rodo em todos os milagres de Jesus. Pobre Jesus de Nazaré!

50 Giuseppe Segalla, *op. cit.*, 53-57; Gerd THEISSEN – Annette MERZ, **O Jesus histórico. Um manual**. São Paulo: Loyola, 2004, 311; C. M. TILLESSE, O problema sinótico, *op. cit.*, p. 7. “O primeiro dos Jovens Hegelianos que criou ondas teológicas foi David Friedrich Strauss, da Universidade de Tübingen, antigo pastor protestante que foi a Berlim com o objetivo de aprofundar seus estudos teológicos por meio das aulas de Hegel e seus alunos. Strauss e, seu livro *The Life of Jesus Theologically Examined* (A vida de Jesus analisada à luz da teologia), de 1835, afirma que as histórias sobre a vida e a morte de Jesus, contadas pelos evangelhos, não eram relatos empíricos, mas sim projeções míticas das esperanças, das crenças e das expectativas dos judeus na Palestina romana, uma exteriorização e alienação da autoconsciência de seu grupo. Esse tomo acadêmico explodiu como uma notícia bombástica na vida do público erudito, tendo recebido acusações coléricas por parte dos ortodoxos e uma calorosa acolhida dos entusiastas.” - Jonathan SPERBER, *Karl Marx. Uma vida do século XIX*. Trad. de Lúcia Helena de Seixas Brito. Barueri: Amarelly, 2014, p. 76.

Se forem retirar os milagres resta pouco dos Evangelhos de Marcos de João. Para uns pode ser interessante não ficar pedra sobre pedra, mas resta saber se os milagres, de fato, aconteceram ou não!

Gerd Theissen e Annette Merz indicam: “os milagres são atestados em tantas camadas antigas da tradição que não se pode duvidar de seu fundo histórico (...) então se deve supor também para eles um grau bem maior de historicidade do que geralmente se admite”.⁵¹

Por que uma insistência em não se falar de milagres, como se fosse um crime? A permissão seria apenas para se falar “de pobre de marré-dê-cê”?

A proclamação do Evangelho aos pobres está ao lado dos grandes milagres dos tempos messiânicos, como foi enfatizado na sinagoga de Nazaré! Ali os cegos veem, os surdos escutam ao lado dos pobres que recebem a boa-nova (Lc 4,16-31). Segundo o Evangelho, não é incompatível se falar de milagres e se fazer a proclamação aos pobres; muito pelo contrário. Parece até que o discurso sobre milagre coloca em questão a credibilidade da sacra opção pelos pobres.

É mais cômodo intelectualmente falar de pobre numa sociedade com grande interesse pelo político do que falar de milagre para uma sociedade incrédula. Torna-se difícil falar de milagres dentro de uma teologia que prima pelo racional, e que marginaliza a fé. É difícil falar de milagres dentro de uma teologia com tons deístas e marxistas.

Assim, a mentalidade deísta quer reduzir tantos e tantos milagres ao quadrado da razão, e até mesmo proibi-los.⁵² Não dá para não comparar com a mesma tensão que havia no Sinédrio, que deseja abafar os sinais realizados por Jesus (Jo 11, 47-48).

Para exorcizar qualquer questão sobrenatural, novas leituras deveriam se estabelecer. O oprimido por espíritos maus se torna o oprimido que sofre a luta de classes.⁵³ Os demônios seriam apenas doenças esquizofrênicas. Estranha doença esquizofrênica que sabe da identidade do Messias? (Mc 5, 6-7).

51 Gerd Theissen – Annette MERZ, *op. cit.*, p. 306.

52 Thomas Paine, *Age of Reason. Being an Investigation of True and Fabulous Theology*. Paris – London: Barrois, 1794, Part First, Section 15.

53 SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*. São Paulo: Paulinas, 1984, VIII, 7.

Na explicação racionalista, o pão multiplicado se torna uma mera partilha que o Cristo iniciou e que os outros seguiram, ou até mesmo um truque. Haveria pães escondidos nas cavernas que teriam sido distribuídos naquele momento pelos discípulos. O andar sobre as águas um caminhar sobre tábuas que estavam sobre o Mar da Galileia.⁵⁴ A Ressurreição de Lázaro seria uma coincidência como o momento em que o defunto acorda de um sono. Pobres deístas!

Como fica então o milagre da Eucaristia? Perguntamos particularmente aos católicos que seguem a linha reimarusiana. Então, se o Senhor não ressuscitou, seria apenas um símbolo, não a transubstanciação. Isto é, se a Eucaristia ainda é de algum valor para estes, por que há quem considere tudo uma invenção da Igreja Católica, tese que não é verdadeira, já que a tradição da consagração encontrada em Coríntios é anterior aos Evangelhos (1Cor 11, 17-26). A tradição encontrada naquela comunidade é antiquíssima, muito próxima do Jesus histórico, por isso, não inventada pela Igreja.⁵⁵

A cultura deísta detesta falar de milagres. Considera algo inapropriado, inconveniente, algo primitivo identificado na magia. Inclusive as proibições sobre a oração pelos enfermos, por cura, missa dos enfermos é algo para muitos setores algo que dá alergia. “Opção pelos pobres não anda junto com missa de cura”, consideram outros.

Vamos dar, porém, um passeio pelos santuários católicos. Quantos testemunhos de milagres nesses lugares! Citamos um como exemplo, que é da região onde vivemos: o Santuário de São Francisco de Assis, em Canindé, Ceará; um local dedicado a Deus sob o testemunho de São Francisco, para onde se dirigem muitos devotos e pobres. São muitos os testemunhos de graças alcançadas, como está demonstrado particularmente na Sala de Milagres do Santuário. Aquelas peças ali depositadas de partes dos corpos, fotos, roupas, significam apenas algo do imaginário popular, mas que não aconteceu de verdade? Não. Ali são demonstrações dos milagres que a massa dos pobres alcançou de Deus. Confessar os devotos ao longo da festa é escutar testemunhos incríveis de milagres que os participantes da festa alcançaram na vida, como já experimentamos. Pode-se, porém, ir a Canindé e se fazer um estudo sociológico da festa cultural do lugar, isto e daquilo, e ignorar algo que está no miolo da festa – a fé do povo, que tanto demanda graças extraordinárias e que vai para agradecer aquelas que recebeu.

54 Gerd Theissen – Annette MERZ, *op. cit.*, 310.

55 Pe. Caetano Minette de Tillesse, *Nova Jerusalém. Vol. 2. Ecclesilogia*. Fortaleza: Nova Jerusalém, 2001, p. 314.

A festa em Canindé é uma experiência profunda de oração com o povo sofrido do Nordeste do Brasil. Eles oram ao Santo, oram a Deus e alcançam as graças.

Outra questão que podemos abordar é que na Igreja ainda se mantém a tradição de haver milagres para os casos de beatificação e canonização dos seus membros, milagres que não tenham explicação na Ciência.

Tantos milagres incríveis poderíamos registrar aqui para provocar nossas inteligências, mas queríamos exemplificar apenas com um: o milagre relacionado com Pe. Pio de Pietrelcina. Em 18 de junho de 1947, Gemma de Giorgia, de Riberia, Sicília, nasceu sem as pupilas. O professor Caramozza, de Perugia, oftalmologista de renome, escreveu que contra todas as leis da Física e da Biologia, a menina sem pupilas (e, portanto, absolutamente incapaz de ver qualquer coisa com seus olhos) via perfeitamente, após pedidos da avó pela cura dos olhos da neta dirigida ao Padre Pio.⁵⁶

É natural que se peça na oração pelas próprias necessidades a Deus. Se conversarmos com Deus, Ele responde, Ele escuta. Ele não é aquele Deus ausente de Aristóteles ou dos deístas. É o Deus que entra na história para libertar o seu povo, inclusive das doenças, dos males físicos e espirituais.

O que nos impede de orar pelos nossos enfermos na missa? No Evangelho não está escrito que Jesus curava os enfermos? A missa não é um encontro com o Cristo Ressuscitado, com sua Páscoa? Por que um doente oprimido pela dor não pode pedir a Deus pela sua saúde? Por que um pobre que não pode pagar um tratamento caro não pode pedir a Deus que o cure? Por que um rico, um de classe média, não pode pedir pela sua saúde, quando a Medicina não consegue mais dar resposta? Por que um enfermo não pode pedir a Deus que seus médicos o ajudem a se libertar do sofrimento da doença?

E quem vai proibir a Deus de responder a oração daqueles que pedem a Ele? Quem vai impedir que Deus escute o clamor do seu povo? A autoridade, os intelectuais, os teólogos? Deus se deixa manipular pelo gosto dos intelectuais?

56 JUVENTUDE DO PAPA, *Gemma di Giorgia enxerga sem pupila graças ao Padre Pio*, in: <https://www.facebook.com/juventudedopapa2013/videos/1553868014834192/>; *Gemma Di Giorgia's blindness cured by faith & intercession of Padre Pio*. In: <https://www.youtube.com/watch?v=kp9TgyJlnS0>.

7.2 Milagre e magia

Dizem mais: porque parece magia!

Milagre e magia são mundos bem diferentes. A oração do milagre é elevada a Deus, enquanto, a magia é ocultismo, ação proibida pelas Escrituras e pela Igreja, solicitação feita aos espíritos maus.⁵⁷

É completo desconhecimento de causa dizer que um milagre é como uma magia.⁵⁸ Milagre é graça de Deus; magia é prisão ao pecado.

Certos tipos de afirmação nos levam a recordar o que Jesus disse quando operava milagres. Certos grupos disseram que Ele estava possuído por um demônio: “Mas os fariseus, ouvindo isto, diziam: Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios.” (Mt 12,24). Jesus se doeu com esta forma de observar dos intelectuais do seu tempo. Ele procurava fazer o bem de Deus por via do seu Espírito, e o povo estava cego, dizia que Ele agia não por intermédio de Deus, mas de Belzebu.

A resposta do Senhor não ficou atrás diante de tanta dureza de coração: “Portanto, eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens.” (Mt 12, 31). Havia judeus também que exorcizavam em nome de Jesus (Mc 9,38; At 18,24). Se Jesus era acusado de exorcizar por Belzebu, imagine-se o que diziam desses quanto judeus que exorcizavam pelo nome de Jesus⁵⁹. Se disseram isto do Mestre, não iriam dizer dos seus seguidores?

É possível um grande intelectual nos dias de hoje ainda ter tal dureza de coração, que mereça a mesma reprovação do Senhor. O fato de compreender um milagre como magia não é a forma correta do Evangelho, mas a maneira invertida.

57 Sobre a realidade maligna, tomemos as palavras da própria CNBB, no *Ritual de Exorcismos e outras súplicas*, São Paulo: Paulus, 2008, p. 7: “Do uso criterioso deste ritual espera-se, portanto, a superação de duas tendências opostas, ambas errôneas e muito frequentes entre nossos fiéis. A primeira consiste num certo satanismo que vê presença do maligno em toda parte, submetendo as pessoas à psicose do medo irracional do demônio. A segunda tende a considerar o Diabo como personificação simbólica do mal e não como indivíduo, agente pessoal e responsável por grande parte deste mesmo mal.”

58 CNBB, *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. Doc. 53. São Paulo: Paulinas, 1994, n. 59. Apesar dos estudos terem a pretensão de serem técnicos, M. SMITH, *Jesus der Magier*. München: Paul List, 1981, e J. M. HULL, *Hellenistic and Synoptic Tradition*, London: SCM Press, 1974 se atrapalham exatamente nessa questão. Por sua vez, H. C. KEE, *Medicine, Miracle and Magic in New Testament Times*. Cambridge, London, New York: Cambridge University Press, 1986, pp. 95-121 apresenta uma abordagem diferente dos anteriores. Textos citados em Irineu J. RABUSKE, *Jesus Exorcista. Estudo exegetico e hermenêutico de Mc 3, 20-30*. São Paulo: Paulinas, p. 225.

59 C. M. de Tillesse, *Uma tradição batista*, cit., p. 438.

Os escribas, para desqualificar Jesus diante das multidões, recorreram a esse expediente. Jesus se entendeu como um profeta e não como um mago. Qualquer comparação entre as libertações feitas pelo Cristo e os magos helenistas nada prova sobre o sentido da prática de Jesus. A explicação sobre as ações do Mestre tem sua última análise no horizonte profético do Antigo Testamento.⁶⁰

“Entre outras coisas, o carisma de fazer milagres e a “magia” podem-se distinguir por sua função social: movimentos de protesto e renovação são repetidamente legitimados por milagres carismáticos.”⁶¹ Os milagres se manifestam no meio daqueles mais simples da Igreja, que não são doutos, mas marcados por um sentido profundo de fé.

Outras vezes, o mal-estar acontece em virtude daquilo que São Paulo exortava: “A propósito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que estejais na ignorância.” (1Cor 12, 1). Os teólogos querem orientar sobre milagres e curas, mas é um tema que, mesmo nas faculdades de Teologia não é levado a sério, a não ser como coisa sem importância, fantasias, mitos. Como podem orientar sobre um tema que não estudaram ou não conhecem. É mais fácil proibir do que ter uma reflexão profunda sobre os fatos.

Como é aquele negócio mesmo de Igreja, carisma e poder? O poder e a ironia dos teólogos não têm sido capazes de driblar os milagres que acontecem no meio do povo em geral. Inclusive, nessa questão, os teólogos da libertação sabem exercer muito bem o papel de inquisidores do Santo Ofício. Haja lenha eogueira!

A oração é elevada a Deus, como fez Jesus de Nazaré diante da multidão, quando ressuscitou Lázaro. A multidão ficou chocada com aquilo que viu. Como dissemos, ao abordarmos a Ressurreição de Lázaro, aquilo não foi magia, mas uma manifestação para que o povo acreditasse que Deus tinha enviado seu Filho. O milagre tem o sentido de ainda hoje indicar as pessoas para Deus e para seu Filho Jesus Cristo.

Venhamos e convenhamos: para se orar pedindo um milagre diante de uma multidão, precisa-se de fé. Só charlatanismo transformaria o momento em uma comédia no meio da multidão. A falta de fé transformaria o momento em um fracasso; mas se tem visto muita oração no meio da multidão ter êxito.⁶²

60 Irineu J. Rabuske, *op. cit.*, pp. 225-226.

61 Theissen – Merz, *op. cit.*, 315.

62 Emiliano Tardif – José H. Prado Flores, *Jesus está vivo*. Rio de Janeiro: Louva a Deus, 1985;

Na verdade, o que está por trás das restrições dos teólogos em relação aos milagres não seria uma luta pelo poder? O poder de ter a palavra de credibilidade diante do povo em desmerecimento daqueles a quem são atribuídos os milagres?

Ainda sobre a magia: ela está relacionada com a implementação de uma política no mundo contrária aos Dez Mandamentos da Lei de Deus, e de ataque direto, principalmente contra a Igreja Católica. Essas são as indicações do Templo Mundial de Satanás, nos Estados Unidos, denunciadas pelo ex-Mago Maior do Templo, Zachary King.⁶³

É incrível, porém, que aqueles que falam contra milagres, contra missas de curas, são às vezes os que fazem citações da magia de Harry Potter,⁶⁴ Nova Era, vampiros, dráculas, fadas, bruxas e magos, que dão espaço para todo este tipo de coisa. Na busca sedenta de uma igualdade de gênero, deixam a fé em Deus Pai, por ser gênero masculino, cedem às buscas das deusas pagãs e se lambuzam de ocultismo.

Antes a situação era até diferente: colocava-se Jesus de lado do papai noel e das fadas. Agora não só retiram o Jesus Ressuscitado, como também dão mais autoridade aos Harry Potter da vida, papai noel e fadas. Tudo justificado em nome do bom ecumenismo.

O que acontece é que os milagres são censurados na vida da fé, mas o ocultismo está liberado na vida do entretenimento, na pastoral, infelizmente até em espaços de formação que eram para ser cristãos. Parece que ser progressista então é ser contra milagre e a favor da magia e do ocultismo.

A desconsideração dos milagres não é da fé católica, é de um outro esquema religioso. Para quem recebe o milagre, é uma forma de se experimentar que Deus não é uma teoria, uma ideia, mas uma realidade bem concreta e próxima da própria vida.

E os milagres continuarão a acontecer, sabe por quê? Porque Jesus ressuscitou, gostem os seguidores do politicamente correto da Escola de Frankfurt,⁶⁵ os pós-modernos, os adeptos da filosofia de gênero ou não!

Neil Velez, *Por suas chagas*. São Paulo: Canção Nova, 2008; *Entrevista do Padre Eugenio Maria com Roberto Cabrini*, Conexão Repórter, 03/04/2016, in: <https://www.youtube.com/watch?v=x4eVc-6oZrE>.

63 *THE PHOENIX (AZ) City Council Is Now Trying to Block Satanists from Delivering Invocation Prayers*, Friendly Atheist, 30.1.2016, in: <http://www.patheos.com/blogs/friendlyatheist/2016/01/30/the-phoenix-az-city-council-is-now-trying-to-block-satanists-from-delivering-invocation-prayers/>

64 Zachary King, *Would Harry Potter make a good christian?*, All Sains Ministry, in: <https://www.youtube.com/watch?v=UXn0w250QxY>.

65 THE FREE CONGRESS FOUNDATION, *A história do politicamente correto*, in: <https://>

8 Jesus Ressuscitado e a dissonância cognitiva

Os queixosos da Ressurreição se expressam de maneiras diversas.

Nos anos 1950, um pensamento cético quanto à Ressurreição do Senhor alcançou grande acolhimento de público, chamado de Teoria da Dissonância Cognitiva, ou conhecida mais popularmente como “Teoria da Alucinação”.

O sistema tinha à frente Festingers, onde indicava que, na verdade, os discípulos não viram o Mestre Ressuscitado, mas viram aquilo que desejam ver, tiveram alucinações.⁶⁶

Em determinadas situações, a premissa da alucinação parece estar embutida como uma falsa explicação dentro das narrações bíblicas.

Na narrativa do milagre de Jesus ao andar sobre as águas (Mc 6, 45-52; Mt 14, 22-33; Jo 6, 16-21), “os discípulos, vendo-o caminhar sobre as águas, julgaram que fosse um fantasma, e começaram a gritar, pois todos o viram e ficaram atemorizados.” (Mc 6, 49).

Apesar de o texto não ser do ciclo da Ressurreição, exprime o problema da possibilidade de alucinação. Ao mesmo tempo, dizendo que não era um distúrbio, mas, de fato, era o Mestre que estava ali caminhando sobre as águas.

O texto também indica que todos viram a mesma coisa.

O convite para tocá-lo após a Ressurreição (Jo 20,27) feito para Tomé, o convite para comer juntos (Jo 21, 10), foram modos de afirmar que os discípulos não estavam tendo alucinações, mas era Ele mesmo que estava no meio deles em carne e osso, alma e divindade.

Depois dos evangelhos, temos os registros das aparições do Ressuscitado para Paulo, mas particularmente o seu testemunho em 1Cor 15,6, de que o Mestre apareceu, depois de vencer a morte, para mais de 500 pessoas.

A Associação de Psiquiatria define alucinação como uma falsa percepção sensorial na ausência de estímulo real, ato aparente para o qual não há nenhum ato externo correspondente. Ocorre com pessoas esquizo-

www.youtube.com/watch?v=18NZZn00L-Q.

⁶⁶ Leon Festinger, *A Theory of Cognitive Dissonance*. Stanford: Stanford, 1957; L. FESTINGER – H. Riecken – S. Schachter; *When Prophecy Fails*. Minneapolis: U. of Minnesota Press, 1956. Sobre a “Dissonância Cognitiva” ver: N. T. WRIGHT, *op. cit.*, pp. 957-963.

frênicas, paranoicas, à beira da morte ou sob influência de drogas.⁶⁷

A pessoa com alucinação tem o senso imediato que sua percepção é verdadeira; em alguns casos, as alucinações provêm de dentro do corpo. Algumas vezes, a pessoa com alucinações consegue ter o entendimento de que está com uma alteração do registro sensorial. Outras vezes, a intensidade do delírio concede ao indivíduo o peso de que o que percebe é a verdade absoluta. Em um sentido mais restrito, as alucinações indicam um distúrbio prático quando associadas à deficiência da prova da realidade.⁶⁸

Segundo a Psiquiatria, a alucinação não é um fenômeno em que várias pessoas vejam simultaneamente a mesma coisa. Pode haver inclusive uma histeria coletiva, mas cada um tendo o direito a sua alucinação pessoal.

Não dá para considerar que as testemunhas da Ressurreição fossem esquizofrênicas. Com suporte nas indicações da própria Psiquiatria, pessoas diferentes não podem ter a mesma alucinação. A teoria não explica o que ocorreu na manifestação do Ressuscitado para os discípulos. N. T. Wright lamenta que estudiosos ainda se refiram a ela em termos respeitosos.⁶⁹

O ciclo da Ressurreição indica claramente que não eram alucinações, mas aparições corpóreas reais.

9 Jesus Ressuscitado e Che Guevara

A Ressurreição é recorrente mostrada como um conjunto de ideias ligadas a uma pessoa, que, em virtude da permanência dessas ideias na sociedade, indicam que a pessoa continua viva no meio de nós. Nesse sentido, afirmam que Che está vivo!

Diversos livros e filmes foram dedicados a Ernesto Guevara de la Serna, que colaboraram para estabelecer sua imagem como um ícone “santo” da luta pelo socialismo, algo a la David e Marat,⁷⁰ um mito dos tempos modernos.

O ator Benício del Toro, que assume o papel protagonista no filme de Steven Soderbergh, *Che*, compara o guerrilheiro a Jesus Cristo.⁷¹ A defesa

67 Em Josh McDowell – Sean McDowell, *Evidências da Ressurreição*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011 dedicam-se as explicações da psiquiatria e sua relação com as aparições do Cristo.

68 Jean Pablo Magalhães, *Dicionário de termos psiquiátricos*. Serra Talhada, 2005.

69 N. T. Wright, *op. cit.*, 960.

70 Simon Schama, *O poder da arte. Jacques Louis David*. Produced – Directed Clare Beavan, BBC, in: http://www.dailymotion.com/video/x13xpqo_jacques-louis-david-o-poder-da-arte_shortfilms

71 Guillermo I. Martínez, *Guevara biopic belies his ruthlessness*, The Sun Sentinel, January 1, 2009, p. 13A, citado em: Ion Mihai Pacepa. *Quem foi Che Guevara?* Mídia Sem Máscara,

de Ernesto provocou diversas dificuldades ao mesmo protagonista.⁷²

O mundo da arte, contudo, não está muito longe do mundo da Teologia. A mesma comparação de del Toro gostam de fazer os acólitos adeptos das camisas e bottons do “santo” guerrilheiro.⁷³ Nesta forma de pensar, Jesus estaria vivo da mesma maneira que Che Guevara está vivo na sua luta popular leninista que continua.

Querer equiparar Jesus de Nazaré a Ernesto Guevara é algo muito estranho à tradição da Igreja. Primeiro, porque Jesus é Deus, o Filho de Deus. Ernesto era apenas mais um homem mortal. Jesus pregou o amor e deu a vida por todos, sem matar ninguém! O comandante praticou o ódio como instrumento de transformação social e se denominou uma máquina de matar.

Ernesto participou ativamente do “Paredón”, cúmplice das torturas na “La Cabana” e “Guanacahabibes”, sendo responsável sob suas ordens pelo fuzilamento de 1500 pessoas, somando-se os 49 mortos na Bolívia.⁷⁴ Entre seus colegas, sua fama de inclemente era muito forte.

Outro filme, exibido diversas vezes no Canal Curta Brasil, é o filme de Richard Dindo, *Ernesto “Che” Guevara. O Diário da Bolívia*, 1995, que apresenta Ernesto como um herói que lutou a favor do socialismo mundial e da Bolívia. Novamente, Ernesto é apresentado como alguém que não morreu e que continua vivo. Nos depoimentos apresentados, repete-se a comparação de Che com Cristo. O filme relata sua presença naquele país como de um personagem que estava lutando pelas melhorias do povo local. Não explica, porém, a tensão que houve entre o Partido Comunista Boliviano e Ernesto. Inclusive se diz muito que ele lutou pelo bem do povo da Bolívia.

20.11.2014, in: <http://www.midiasem mascara.org/artigos/desinformacao/15547-quem-foi-che-guevara.html>

72 Como exemplo: Benício del Toro é entrevistado por jornalista cubana, in: <https://www.youtube.com/watch?v=9CiZk149fGo>; EFE, *Benício del Toro se irrita e abandona entrevista sobre “Che”*, G1, 27.01.2009, 1h01min, in: <http://g1.globo.com/Noticias/Cinema /0MUL973993-7086,00-BENICIO+DEL+TORO+SE+IRRITA+E+ABANDONA+ENTREVISTA+SOBRE+CHE.html>

73 Frei Gilvander Luís Moreira, *FSM: A construção de um Outro Mundo Possível de Justiça e Paz por todos e para todos*. In: <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT& cod=15323>: “Ao lado de Che Guevara, Marx, Jesus Cristo, Bolívar, Rosa Luxemburgo e de outros “144.000” (número simbólico do Apocalipse que indica a multidão salva, vinda da grande tribulação), o Deus da vida e da esperança chorou, chorou e chorou muito no dia que os Estados Unidos invadiram o Iraque”.

74 Nicolás Márquez, *El Canalla. La verdadera historia del Che*. Buenos Aires, 2009, p. 150.

Sobre o assunto, o texto de P. I. Taibo II comenta apenas uma tensão entre Ernesto e o líder do PC Boliviano, Mario Monje Molina, secretário-geral do partido, que não aceitava a liderança da luta armada nas mãos de um estrangeiro, mas que deveria permanecer na direção dos próprios bolivianos.⁷⁵ Outros, contudo, documentam que Ernesto desconhecia a realidade dos bolivianos, tentou arregimentar camponeses com o discurso de lutar pelas terras, mas na região em que se localizou já se tinha feito a reforma agrária, desde 1953. Um guerrilheiro que fez bem ao povo da Bolívia sem considerar os interesses dos militantes do PC da própria Bolívia, sem ter conhecimento de causa das necessidades do mesmo povo boliviano, e que nas suas anotações o tinha de forma desprezível?⁷⁶

“Fuzilamos, fuzilamos e continuaremos a fuzilar!”, foi seu discurso oficial na tribuna da ONU. E ao ser preso na Bolívia, dizia: “Não me mate, não me mate, valho mais vivo do que morto!”⁷⁷

Tinha razão Heine, pensador alemão do século 19, sobre os teólogos de sua época. “Só se é traído pelos seus”, referindo-se ao ateísmo implícito de muitos teólogos de sua época, que se preocupavam mais com o personagem histórico de Jesus do que com a ideia clássica ao cristianismo de que Jesus seria também Deus.

Essa traição aparece “envergonhada” associação que esses teólogos latino-americanos fizeram de Jesus com um Che Guevara antigo, mesmo que mintam que não.⁷⁸

Orar é pedir as bênçãos a Jesus Cristo, é pedir a força de seguir seu exemplo neste mundo.

E pedir as bênçãos a um guerrilheiro que assassinou diversas pessoas em execuções sumárias significa mesmo o quê?⁷⁹

75 Paco Ignacio Taibo II, *Ernesto Guevara, também conhecido como Che*. São Paulo: Expressão Popular, 2011, pp. 518-524. O mesmo registro dessa tensão encontra-se em Mário Magalhães. *Marighella. O guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 341.

76 INSTITUTO DE LA MEMORIA HISTORICA CUBANA CONTRA EL TOTALITARISMO. *Guevara – anatomia de un mito*. Caiman Productions, octubre / 2005, in: <https://www.youtube.com/watch?v=BNvWUJmbw-g>, 1h00min41ss -1h02min44s; Nicolás Márquez, *op. cit.*, p. 225.235.

77 Dados recolhidos do vídeo: INSTITUTO DE LA MEMORIA HISTORICA CUBANA CONTRA EL TOTALITARISMO. *Guevara – anatomia de un mito*; Nicolás Márquez, *op. cit.*, p. 230.

78 Luiz Felipe Pondé. *Guia politicamente incorreto da Filosofia*. São Paulo: Leya, 2012, 152-154. H. Heine era amigo próximo de Karl Marx. A crítica está relacionada a aproximação da teologia com a filosofia de Hegel. “Os cristãos, para quem a crença sentida no âmbito pessoal era o ponto central de sua fé e, sem dúvida, mais importante que a razão humana, viam essa como mais um ideia potencialmente subversiva.” in: Johathan Sperber. *op. cit.*, p. 76.

79 Frei Betto, *Carta aberta a Che Guevara*. In: <http://www2.uol.com.br/debate/1175/>

Temos exemplos daqueles que se deixaram influenciar por Ernesto, e passaram a ser guerrilheiros ou a apoiar as guerrilhas: Pe. Camilo Torres e Frei Tito.

Camilo Torres Restrepo, um sacerdote colombiano, deixou o ministério para pegar nas armas e se aliou à Frente de Libertação Nacional (FLN). Considerou que a luta armada era a forma de um amor eficaz para a crise política do seu país.⁸⁰

Já Frei Tito de Alencar, cearense, brasileiro, dominicano, aliou-se à luta guerrilheira no Brasil, mas depois de determinado tempo “considerou insanável o conflito entre o cristianismo e o marxismo de Marighella”.⁸¹ Depois de apoiar a guerrilha do Araguaia, de sua prisão, torturas, exílio, em suas cartas na França, revisou suas opções e afirmou que a luta armada não era a solução política para o país, porque o povo brasileiro não aprovava a luta armada. Escreveu: “É necessário e urgente responder politicamente à ditadura. Nessa perspectiva, penso que a luta armada, como forma da luta principal, é um erro.”⁸²

Como na natureza nada se cria, tudo se transforma, ou se plagia, Marx tomou *ipsis litteris* de Karl Schapper a famosa frase: “Trabalhadores do mundo, uni-vos!”⁸³ Os teólogos da libertação, por sua vez, a reformularam como *insight* num salto de qualidade ou por falta de criatividade: “Guerrilheiros do mundo, uni-vos!”⁸⁴ Se não existe uma crença em milagres, existe a de que a guerrilha é a panaceia para todos os males sociais, por isso mesmo o apoio para ELN, FARC, M-19, Movimento Revolucionário Túpac Amaru, Frente Sandinista de Libertação Nacional, Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, para comandantes como Ilich Ramírez Sánchez

colunas/colunas03.htm: “De onde estás, Che, abençoes todos nós que comungamos teus ideais e tuas esperanças.”

80 Iair Kon, *Iglesia Latinoamericana. Camilo Torres Restrepo*. Untef Media – Universidad Nacional de Tres de Febrero – Encuentro – Ministerio de Educación de la Nación, in: https://www.youtube.com/watch?v=_c2Qxk5Smbc; Lorena López – Nicolás Herrera, “Camilo Torres fue la figura para lela al Che Guevara”. *Entrevista a Enrique Dussel*, Colombia Informa, 2.3.2014, in: <http://www.colombiainforma.info/camilo-torres-fue-la-figura-para-lela-al-che-guevara-entrevista-a-enrique-dussel-primera-parte/>.

81 Mário Magalhães, *op. cit.*, p. 531.

82 Tito de Alencar, *Não se faz de noite uma revolução que é para o dia*. Paris: Frei Tito – Memorial On-line. 1973, in: http://www.adital.com.br/freitito/por/pedras_revolucao.html.

83 Johathan Sperber, *op. cit.*, p. 200.

84 A expressão é utilizada por Juan Reinaldo Sánchez, *A vida secreta de Fidel*, São Paulo: Paralela, 2014, Cap. 5, para documentar as inúmeras guerrilhas que foram treinadas em Cuba, que por sinal, são também, na maioria, as guerrilhas apoiadas pelas pastorais marxistas-leninistas.

(Chacal), Abimael Guzmán, subcomandante Marcos, incluindo grupos antigos como Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Vanguarda Armada Revolucionária (VAR), Movimento de Ação Revolucionário (MAR), Movimento Revolucionário 8 de outubro, Forças Armadas de Libertação Nacional; ou os mais novos, como os Black Blocs, que são para eles sempre as vítimas criminalizadas injustamente do movimento social.

Parece que o Che vivo sob suas bênçãos é um verdadeiro caldeirão de luta armada marxista-leninista. O papel da Teologia é formar guerrilheiros? Então, não estaria faltando a cadeira na academia de como e quando se pegar nos fuzis?

O Cristo Vivo é o cair em si do frade dominicano, quando cai em si.

Tem quem siga as ideias de Ernesto Guevara para considerá-lo vivo. Pessoas mortas permanecem mortas corporalmente, embora as ideias que tenham pregado possam ter sido deixadas em escritos e tradições orais e continuem a influenciar a humanidade, como é o caso de muitos. A Ressurreição do Senhor não pode ser apresentada como meras ideias e ensinamentos de Jesus de Nazaré que atravessam os séculos, sem considerar a sua Ressurreição corpórea. Nós seguimos não ideias, mas um Deus que está vivo! E o básico da nossa fé é esse encontro com o Senhor Ressuscitado!⁸⁵

A distância entre a prática de Jesus de Nazaré e Ernesto é extrema, por isso mesmo fica difícil de acolher uma proposta que coloque os dois no mesmo patamar. Inclusive são palavras do próprio Ernesto: “Na verdade se o Cristo cruzasse o meu caminho faria o mesmo que Nietzsche: não duvidaria em pisoteá-lo como um verme pegajoso”.⁸⁶

10 Jesus Ressuscitado e Nietzsche

Friedrich Nietzsche (1844-1900), citado por Ernesto, foi um filósofo alemão que fez a afirmação antiquerigmática: “Deus está morto”.⁸⁷ Dedicamo-nos aqui a algumas observações sobre o autor em razão da sua influência no secularismo da sociedade contemporânea.

A famosa afirmação sobre o deicídio na época não era tão original assim. Já teria sido indicada no famoso texto de Jean Friedrich Richter, *O Discurso do Cristo morto do alto do universo no sentido de que não existe Deus*

85 V Conferência do CELAM, *op. cit.*, Cap. VI, 6.1-6.1.1, nn. 240-245.

86 Nicolás Márquez. *op. cit.*, p. 16.

87 F. Nietzsche. *A Gaia Ciência* (1881-1882). In: *idem, Obras incompletas*. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1983. *Os Pensadores*, p. 211.

(1796)⁸⁸, considerado uma espécie de alegoria do niilismo. A originalidade de Nietzsche foi ponto de discussão em outros momentos, sendo acusado de plagiador por Eduard Von Hartmann, na comparação dos seus textos com os de Max Stirner, em *O único e a propriedade* (1844).⁸⁹

Deixada a Lei de Lavosier de lado, a explicação do Filósofo sobre a afirmação *Deus está morto* diz respeito que a Europa não se interessava mais por Deus, por isso, Ele estava morto.⁹⁰ Entendeu que era preciso construir uma nova sociedade sem referência a Deus. O homem seria uma espécie de irmão gêmeo de Deus; então, Deus e o homem deveriam morrer para se estabelecer uma nova situação.⁹¹ Esse novo homem seria um Super-Homem que, despido das relações com Deus, estabeleceria um novo patamar para a humanidade.

Consideremos a possibilidade fantasiosa de que Nietzsche tenha conseguido colocar no local de Deus um referencial melhor. Poderíamos, então, racionalmente, dar espaço para essa indicação filosófica. Ao matar Deus, no entanto, os referenciais apresentados pelo Filósofo são no mínimo questionáveis.

Embora seja uma coletânea de pensamentos reduzidos em relação à obra do Filósofo, deixemos que o próprio Nietzsche fale por si mesmo:

[...] os meus escritos (...) conteriam todos eles (...) e quase que um constante e despercebido incitamento à inversão de estimativas habituais de valor e de hábitos estimados. (...) De fato, eu mesmo não acredito que alguma vez alguém tenha olhado o mundo com uma suspeita tão profunda, para falar teologicamente, como inimigo de Deus.⁹²

A alma é um rio sujo. É preciso ser um mar para receber e si um rio sujo sem se tornar impuro.⁹³

Amo aqueles que não sabem viver a não ser como os que sucumbem, pois são os que atravessam.

88 Anselmo Borges, Ernst Bloch – A Esperança ateia contra a morte, Revista Filosófica de Coimbra, Coimbra, vol. 2, n. 4, pp. 403-426, 1993.

89 Gianni Vattimo. *Nichilismo*. In: N. Bobbio – N. Matteuci – G. Pasquino. *Il Dizionario di Politica*. Torino: UTET, 2004, pp. 622-623; Eduard von Hartmann. Nietzsches "neue Moral", *Preussische Jahrbücher*, Berlin, 67. Jg., Heft 5, S. 501-521, Mai 1891.

90 F. Nietzsche, *op. cit.*, p. 211-212.

91 Michel Foucault. *Préface à la transgression*. Fécamp: Lignes, 1963; José Guilherme D. Lucariny. *A morte de Deus e a morte do homem no pensamento de Nietzsche e de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, Cap. 3.

92 F. Nietzsche, *Humano, demasiado humano. Um livro para os espíritos livres*. Vol. 1. (1878). in: *idem, Obras Incompletas, op. cit.*, § 1, p. 85.

93 *Idem*, *Assim falou Zaratustra*. In: Ubaldo Nicola. *Antologia ilustrada de filosofia. Das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005, p. 417.

Amo aquele que não quer ter muitas virtudes. Uma virtude é mais do que duas, porque tem mais nó a que suspender-se a fatalidade.⁹⁴

Desgarrar muitos do rebanho – foi para isso que eu vim.⁹⁵

Aí, eu conheci nobres que perderam sua mais alta esperança. E desde então caluniavam todas as altas esperanças.

Desde então viviam insolentes em prazeres curtos, e mal lançavam alvos para além de cada dia. “Espírito também é volúpia” - assim diziam eles. Com isso quebraram as asas de seu espírito: agora ele rasteja e se suja no que vai roendo.⁹⁶

Vingança queremos exercer, e ignomínia, sobre todos os que não são iguais a nós - assim se juramentam os corações de tarântula.⁹⁷

Eu amo aquele que desperdiça a própria alma.⁹⁸

Aquilo que até agora a humanidade ponderou seriamente nem sequer são realidades, são meras imaginações ou, dito mais rigorosamente, mentiras provenientes dos piores instintos de naturezas doentes, perniciosas no sentido mais profundo – todos os conceitos “Deus”, “alma”, “virtude”, “pecado”, “além”, “verdade”, “vida eterna”.⁹⁹

Os dois tipos: Dionísio e o Crucificado(...) O deus na cruz é uma maldição sobre a vida, um dedo apontando para redimir-se dela: - o Dionísio cortado em pedaços é uma promessa de vida: eternamente renascerá e voltará da destruição.¹⁰⁰

É necessário dizer quem nós sentimos como nosso oposto: - os teólogos e tudo o que tem sangue de teólogo no corpo – nossa inteira filosofia (...).¹⁰¹

Em Paulo toma corpo o tipo oposto ao “portador da boa notícia”, o gênio no ódio, na visão do ódio, na inexorável lógica do ódio. O que esse disangelista não ofereceu em sacrifício ao ódio! ... Paulo simplesmente deslocou o centro da gravidade daquela inteira existência para trás desta existência – na mentira de Jesus “ressuscitado”.¹⁰²

94 *Idem, Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e ninguém.* (1883), in: *idem, Obras Incompletas, op. cit.*, § 4, p. 224.

95 *Ibidem*, § 9, p. 228.

96 *Ibidem*, § 9, p. 231.

97 *Ibidem*, § 9, p. 236.

98 *Idem, Assim falou Zaratustra.* In: Ubaldo Nicola. *op. cit.*, p. 418.

99 *Idem, Ecce Homo. Como tornar-se o que se é.* (1888), in: *idem, Obras Incompletas, op. cit.*, § 10, 373.

100 *Idem, Sobre o niilismo e o eterno retorno* (1881-1888), in: *idem, Obras Incompletas, op. cit.*, § 1052, p. 394.

101 *Idem, O Anticristo. Ensaio de uma crítica do cristianismo.* (1888), in: *idem, Obras Incompletas, op. cit.*, § 8, p. 348.

102 *Ibidem*, § 42, p. 352.

Muitas leituras foram feitas do Filósofo, como, por exemplo, Albert Camus, que considerou que o trabalho a favor da morte de Deus precisaria ser continuado, para que preparasse uma condição de ressurreição da humanidade, com a formação de novos valores.¹⁰³ O homem revoltado de Camus nada mais é do que uma edição moderna no mito do Prometeu. Neste sentido, nada tem de novo. Os novos valores implicados como frutos da morte de Deus não significam que esses valores iriam trazer a solução para os graves problemas da humanidade. A morte de Deus seria não à ressurreição da humanidade, mas a sua destruição.

Para Deleuze, “Nietzsche diz que o importante não é a notícia de que Deus está morto, mas o tempo que leva para dar seus frutos.”¹⁰⁴ Continua: “Só se matou o que desde sempre esteve morto.”¹⁰⁵ A propagação antiq-ue-ri-gmática conduz a um extremismo contra as cosmovisões religiosas, acompanhada de uma postura de fundamentalismo niilista e de ações antidemocráticas para se conseguir espaços na vida pública.

Psicanaliticamente falando, todavia, Deus pode ser considerado o apelo à instância daquilo que de melhor se tem no ser humano. Apelar para “Deus” no discurso significa então apelar para as melhores energias humanas. Ao afirmar que “desde sempre esteve morto”, seria considerar que as pessoas se deixaram desde sempre se destruir por dentro, e que não existe mais nenhuma bondade dentro do ser humano. O apelo de Deus ainda se faz nos discursos. Então, tenta-se matar o que desde ainda está vivo. É mais difícil matar Deus do que aquilo que imaginava o Alemão.

Negar o Ser, que é a possibilidade do conhecimento, para afirmar um outro conhecimento fora do Ser, é algo no mínimo contraditório. Vittorio Hösle considera a existência de Deus a possibilidade para o conhecimento. O pensamento originário e supremo não é concebível como um mecanismo impessoal,

[...] mas sim como sujeito absoluto e divino, fonte e termo último das verdades colhidas, mas não produzidas pela razão humana (...) nós descobrimos na razão a presença de verdades não demonstráveis e necessárias, as quais, não sendo obra nossa, atestam um ordenamento do ser que remonta a Razão absoluta. Esse Absoluto é Deus.¹⁰⁶

103 Albert Camus. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

104 Gilles Deleuze – Félix Guattari, *O Anti-Edipo*. Trad. Joana Varela e Manuel Maria Camilo, Lisboa: Assirio & Alvim, 2004, p. 111.

105 *Ibidem*.

106 AA.VV. *Éticas da mundialidade*, op. cit., p. 58.

Em outras palavras, mesmo que o homem considere Deus morto, a possibilidade de tomar um outro conhecimento só é possível por causa da existência do mesmo Deus. O livre-arbítrio é dado até para negar aquele que dá a possibilidade do conhecimento, da liberdade, da vida, a possibilidade da Ciência. Não quer dizer que o livre-arbítrio resolva o problema do conhecimento e da vida com a forma mais sábia possível.

Segundo José Lucariny,

Ora, matar Deus, como o homem o fez, é negar a dimensão última da própria racionalidade, da Palavra, daquilo que, em última instância, a fundamenta. O que o homem fez foi ficar só com sua palavra. Mas é isso que parece não se sustentar. Metafísica e racionalidade, uma implica a outra; o fim de uma parece implicar o desmoronamento da outra, a existência de uma parece exigir a outra.¹⁰⁷

A eliminação do referencial “Deus” é tema debatido em outras áreas, como, por exemplo: qual foi o referencial ético que a Ciência colocou no lugar do referencial da Religião? Ficou também um vazio ético, porque a Ciência não tem um referencial à altura daquele dado pela Religião. Assim, mantém-se um paradoxo: mesmo que Deus esteja morto, é preciso compreender a pessoa humana como imagem e semelhança de Deus.¹⁰⁸

A consequência das premissas de Nietzsche é um niilismo radical. Segundo Karl Jaspers, filósofo e psiquiatra, o nada e as tendências niilistas representam os adversários mais perigosos da humanidade.¹⁰⁹ Ao querer propor uma saída para humanidade livre de Deus, Nietzsche a empurra para um beco sem saída, porque elimina o referencial que pode oferecer exatamente a luz ao final do túnel.

A afirmação do Filósofo estava relacionada com a situação religiosa na sociedade europeia. A questão, pois, seria: qual o local da Religião na esfera pública?

Estudiosos da área que se debatem sobre o assunto, mesmo não sendo religiosos, indicam que a cosmovisão religiosa contribui para que o mundo não seja mais materialista.¹¹⁰ O materialismo é aqui considerado como uma sociedade que está interessada apenas no lucro, no poder e no

107 José Guilherme D. Lucariny, *A morte de Deus e a morte do homem no pensamento de Nietzsche e de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, Conclusão.

108 AA.VV., *Éticas da mundialidade, op. cit.*, p. 29.

109 *Ibidem*, p. 19.

110 Matt Sheedy, *Religion in the Public Sphere: The Limits of Habermas's Proposal and the Discourse of "World Religions*, *Illumine*, Victoria BC, Canada, vol. 8, n. 1, pp. 3-18, 2009.

hedonismo.¹¹¹ O materialismo diz de um mundo reduzido ao imanente, fechado ao transcendente, que transforma esta vida não num paraíso, mas numa cela que impede a experiência autêntica – *haec cellula creatoris*.¹¹²

Nietzsche alcançou grande autoridade na academia, e muitos procuraram salvar seu pensamento. Não concordamos com a leitura: “Neste sentido, a intenção de Nietzsche é profundamente positiva: não se trata apenas de negar a Deus, mas a negação de Deus é a mediação necessária para a libertação do homem”.¹¹³

A libertação do homem? M. Foucault explicou que a morte de Deus para Nietzsche implicava também a morte do homem, que Deus e o homem eram gêmeos entre si, pais e filhos um do outro.¹¹⁴ A morte de Deus implicaria a emergência de um Super-Homem destituído de toda ligação com os valores relacionados com Deus. Que um ateu considere isto como possibilidade está de acordo com sua cosmovisão, mas como um cristão pode concordar com tal possibilidade?

Com origem, porém, dos próprios textos de Nietzsche, temos as características do seu Super-Homem. Afirmar que “Deus está morto” é perder a mais alta esperança e caluniar aqueles que não a perderam. É resolver viver em prazeres curtos, quebrando as asas dos seus espíritos e viver rastejando na sujeira. Como vingança para com aqueles que não quiseram perder a altar esperança, e por considerarem que esses são os responsáveis por sua infelicidade, uma vingança que no profundo não é contra os outros, mas por não conseguirem aceitar a si mesmo, uma vingança contra si próprios, seus corações não são mais corações humanos, mas corações de tarântulas. Significa desperdiçar a própria alma, ou seja, perder a própria felicidade, porque, para o Super-Homem, felicidade não interessa. Propagar a notícia de

111 Devido a Escola de Frankfurt, vivemos num laboratório social do eros polimórfico não pró-criativo divulgado por Herbert Marcuse, *Eros & Civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. (1955) Rio de Janeiro: Zahar, 1981. O acento da saída social é a supererotização. Gilles Lipovetsky. *A Era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005 analisa o impacto do niilismo nas relações afetivas e sociais. Papa Bento XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo, Paulinas, 2005, I Parte, nn. 2-18 indica que a Igreja não é contra o eros, mas de uma harmonia com o *filia* e o *ágape*.

112 Hans Jonas, *Gnose, existencialismo e niilismo*. In: *Idem. O princípio da vida. Fundamentos para uma biologia filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004, pp. 233-252.

113 Pe. Manfredo Araújo de Oliveira, *Filosofia transcendental e religião. Ensaio sobre a Filosofia da Religião em Karl Rahner*. São Paulo: Loyola, 1984, p. 28.

114 Michel Foucault. L'homme est-il mort? (entrevista com C. Bonnefoy), *Arts et Loisirs*, n. 38, 15-21, junho de 1966. Traduzido a partir de Foucault, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, vol. I., p. 540-544, por Marcio Luiz Miotto. Revisão de Wanderson Flor do Nascimento.

que “Deus está morto” é a cara do próprio ódio e desespero. Antes de ser para os outros, é para si o próprio disangelista.

Na sua obra *O Anticristo*, reconsiderou: “Eu volto atrás. Conto a autêntica história do Cristianismo. Já a palavra “Cristianismo” é um mal entendido – no fundo houve um único cristão, e este morreu na Cruz. O “Evangelho morreu” na cruz.”¹¹⁵ Aqui novamente Nietzsche trabalha para dispersar o rebanho, e pessoas tomam esta premissa como base verdadeira de toda a explicação do Cristianismo. Para justificar sua posição, ele vem negar exatamente o ponto por nós estudado aqui: a Ressurreição. A cruz não foi o fim do Evangelho, mas o momento em que tudo iniciou e jorrou a Ressurreição.

O projeto de Nietzsche não alcança um novo referencial, a tal ponto de se deixar o modelo antigo para se tomar outro diferente e melhor. Os novos valores indicados com a morte de Deus e a emergência do Super-Homem não deixam de ser apenas um ser com um super-vazio, um Super-Nada.

Desculpem a sinceridade, mas não se precisa procurar salvar aquilo que não presta. O que não presta deve ser jogado apenas na lata do lixo, porque, afinal, niilismo e lata do lixo se merecem; se não for desprezar demais a lata do lixo.

Apesar do Ernesto de la Serna se sentir apoiado pelo pensamento de Nietzsche, para os comunistas menos avisados, é bom saber que o niilista não criticou somente a religião. Disse: “O socialismo é o fantasioso irmão mais jovem do quase decrépito despotismo, do qual quer herdar. Suas aspirações são, portanto, no sentido mais profundo, reacionárias.”¹¹⁶

Será que em relação a Nietzsche, os marxistas vão dar as mãos aos cristãos para combater o inimigo comum? Não, os socialistas ingênuos defendem Nietzsche como se fosse um pensamento de um dos seus. Afinal, não existem apenas cristãos inocentes úteis, os socialistas também são fáceis de manipulação.

115 F. Nietzsche, *Der Antichrist. Fluch auf das Christenthum*. § 39, in: Nietzsche, F., *Sämtliche Werke, Kritische Studienausgabe (KSA)*, Berlin – New York – München: de Gruyter / DTV, 1980, vol. 6, p. 211, *citado por*: Oswaldo Giacoia Júnior, *Nietzsche e o cristianismo*, CULT, ed. 88, in: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/nietzsche-e-o-cristianismo/>.

116 F. Nietzsche, *Humano, demasiado humano*, op. cit., p. 115 § 473.

11 Jesus Ressuscitado e o Sudário

Ao estudar o tema do Ressuscitado no mundo de hoje não poderíamos deixar de fazer um olhar sobre os diversos estudos científicos feitos no Santo Sudário e no Sudário, Turim, e do Sudário de Oviato, Espanha.¹¹⁷

Os textos dos Evangelhos nos registram a existência desses panos.

José, tomando o corpo, envolveu-o num lençol limpo e o pôs em seu túmulo novo. (Mt 27,59)

Informado pelo centurião, cedeu o cadáver a José, o qual, comprando um lençol, desceu-o, enrolou-o no lençol e o pôs num túmulo que fora talhado na rocha. (Mc 15, 45)

Pedro, contudo, levantou-se e correu ao túmulo. Inclinando-se, porém, viu apenas os lençóis. E voltou para casa, muito surpreso com o que acontecera. (Lc 24, 12)

Eles tomaram o corpo de Jesus e o envolveram em panos de linho com aromas, como os judeus costumavam sepultar. (Jo 19, 40)

Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. Inclinando-se, viu os panos de linho por terra, mas não entrou. Chega, também Simão Pedro, que o seguia e entrou no sepulcro; vê os panos de linho por terra e o sudário que cobria a cabeça de Jesus. O sudário não estava com os panos de linho no chão, mas enrolado em um lugar, à parte. (Jo 20, 4-7)

O Sudário de Turim corresponde aos panos que cobriram o corpo do Cristo, dando uma volta sobre ele, e o Sudário de Oviedo é o que cobriu o rosto do Cristo. Os dois foram então separados ao longo da história, mas depois se encontram nas respectivas cidades. Atualmente os estudos indicam a superposição das manchas dos dois sudários, indicando que correspondem a panos funerários de uma mesma pessoa, sendo que o Sudário de Oviedo possui histórias que remontam ao séc. VII.

Os panos poderiam ser simplesmente panos quaisquer com manchas de sangue. Já teriam sua grande importância por cobrir o corpo do Senhor, segundo os rituais judaicos da época. O que provoca diversos questionamentos é a imagem de um homem imprimida nele, que coincide com os relatos dos evangelhos – uma imagem como de um grande véu de Verônica ampliado.

Diversas áreas do conhecimento humano se dedicaram ao estudo do Sudário: História da Arte, Numismática, Iconografia, Fotografia, Endos-

117 Emanuela Marinelli. *O Sudário – uma imagem impossível*. São Paulo: Paulus, 1988, pp. 59-60.

copla, anatomia, microscopia, ciência dos tecidos, paleontologia, Radiologia, Eidomática, Patologia, Física, Química, Traumatologia, Biologia, Microbiologia, Informática, Matemática, Antropologia, História da Cultura, Direito Romano (quanto à crucifixaão), Costumes judaicos de sepulturas, Exegese bíblica, Teologia. Foi preciso todo um desenvolvimento da tecnologia para poder se conhecer os dados escondidos na imagem do Sudário, que em outras épocas não tiveram possibilidade de acesso.

O discurso da Ressurreiçaão ligado ao Sudário não tínhamos em outra época. Foi preciso todo o desenvolvimento da Ciência, o desenvolvimento tecnológico, para se chegar às diversas informações extraídas do Sudário para dar luzes sobre o Crucificado acerca do Ressuscitado indicado na imagem. O estudo do Sudário é a proclamação do querigma tecnológico da Morte e Ressurreiçaão do Senhor.

O matemático Bruno Barreris calculou que a possibilidade de o Sudário não ser autêntico é de 1 em 200 bilhões.¹¹⁸

No início dos anos 1900, Yves Delage, biólogo de fama mundial e agnóstico, afirmou que a imagem do Sudário de Turim é de Jesus. Sua opinião criou uma reação do secretário da Academia de Ciências, que se recusou a publicar o parecer nos *comptes rendus*. Sobre a polêmica, respondeu: “Considero Cristo como uma figura histórica e não vejo por que deveríamos nos escandalizar que há um traço de material de sua existência.”¹¹⁹

Em 1930, Noguier de Malijay formulou a hipótese segundo a qual a impressão no Sudário poderia ter sido provocada por um fenômeno fotofulgurante ligado à Ressurreiçaão.¹²⁰

Levando em consideração os fenômenos físico-químicos, J. Jackson com base nos processos até hoje conhecidos, teríamos condições para dizer que a imagem tinha motivos para não existir, mas ela é real, embora não possamos explicar como se formou.¹²¹

118 Bruno Barberis. *L'uomo della Sindone e il calcolo delle probabilità*, in: Aa.Vv. *Sindone. Vangelo-storia-scienza*. Torino: Elledici, 2010, pp.231-246.

119 E. Marinelli, *op. cit.*, 61; Yves Delage, *Lettre à M. Charles Richet*, Printemps, San Quetim, California, USA, n. 22, pp. 683-687, 31. 5. 1902, aqui p. 687.

120 *Ibidem*, p. 70.

121 *Ibidem*, p. 71.

Rodante indica:

se a ressurreição se manifestou como um clarão da luz solar (...), o Sudário poderia ser, quando muito, não a prova, mas uma testemunha da ressurreição: a única testemunha presente a esse acontecimento e que, no séc. XX (o século das imagens) e no limiar do terceiro milênio, pode proclamar Cristo crucificado e Cristo ressuscitado.¹²²

Todas as características apresentadas nos evangelhos durante o Calvário do Senhor são de uma realidade impressionante. O Homem do Sudário registra uma ignominiosa flagelação, tendo sofrido 120 golpes vindos de duas direções. As marcas revelam dois flageladores de pontos diferentes. Os golpes estão da ponta dos pés aos ombros, menos na região do pericárdio. Nessa região, os golpes levariam à morte. Por todo o crânio, existem sinais de sangramentos, inclusive na região occipital. Os ferimentos no crânio indicam ferimentos formando uma espécie de capacete.

Os sangramentos apresentam sangue venoso e arterial, quando a circulação sanguínea só foi descrita em 1628, por William Harvey.

A contusão nos ombros de 13 cm de largura corresponde à peça de madeira horizontal para o crucificado segundo à orientação romana. A peça vertical já se encontrava fixada no local.

O Homem do Sudário caiu batendo o joelho e o rosto no chão. O dedo polegar escondido por trás da palma da mão é o resultado do prego que atravessou o carpo, atingindo o nervo mediano, e situação que leva ao delírio. Não teve suas pernas quebradas e foi atingido no quinto espaço intercostal. O forte grito narrado nos evangelhos indica uma morte por infarto e ruptura do coração, que corresponde à mancha de sangue e soro localizada no Sudário.¹²³

Não há vestígios de decomposição do corpo no pano, indicando que permaneceu no lençol não mais do que 36 horas. Não existe desfiado das fibras de linho marcados pelos coágulos de sangue, levando à posição que ninguém tirou o cadáver do Sudário.¹²⁴

O cientista Don Lynn, do Projeto STURP, especialista em processamento de imagens da *Jet Propulsion Laboratory*, ligado à NASA, ao analisar a imagem do Sudário, resumiu sua impressão sobre ela: “O rosto tem uma aparência serena e cheia de paz. O corpo está muito maltratado. Na

122 *Ibidem*, p. 74.

123 Alberto DI GIGLIO, *Sudário. O sinal do nosso tempo*. São Paulo: Paulinas, in: <https://www.youtube.com/watch?v=s51X19CwIMQ>.

124 *Ibidem*, 35min16s – 35min37s.

verdade, os dois não combinam entre si.”¹²⁵

A observação do Cientista corresponde aos dados que são apresentados nos evangelhos da Paixão e Morte do Cristo. O Mestre foi profundamente torturado, derramaram seu sangue de forma cruel, mas o Mestre viveu o Calvário com um profundo amor, a tal ponto de perdoar seus algozes e não existir ódio nas suas palavras na Cruz: apenas amor e perdão.

As palavras do Cientista são uma leitura da Paixão e Morte do Cristo; foi profundamente torturado e viveu o Calvário com extrema serenidade e paz!

Pio XI afirmou que a imagem do Sudário por si vale mais do que todas as pesquisas históricas.¹²⁶ Por sua vez, João Paulo II, na sua visita pastoral a Turim, fez diversas indicações sobre o Sudário e a proclamação da ressurreição:

O Sudário é provocação à inteligência. Ele requer, antes de tudo, o empenho de cada homem, em particular do investigador, para captar com humildade a mensagem profunda enviada à sua razão e à sua vida. O fascínio misterioso exercido pelo Sudário impele a formular interrogativos sobre a relação entre o Linho sagrado e a vicissitude histórica de Jesus.¹²⁷

A fé, ao recordar-nos a vitória de Cristo, comunica-nos a certeza de que o sepulcro não é a meta última da existência. Deus nos chama à ressurreição e à vida imortal.¹²⁸

O Sudário, como autêntico lençol de linho comprado por José de Arimateia, conheceu o Cristo morto e conheceu também o Cristo Ressuscitado. Seu papel pode ser chamado de testemunhal, que provoca a Ciência e a Tecnologia para decifrar os dados nele contidos.¹²⁹

125 *O mistério do Sudário*. Produced: Reuben AARONSON, Editor: William HAUGSE, ACE, Written by V. T. TUNBRIDGE, Discovery Channel. 43Min10s-43min49min, in: <https://www.youtube.com/watch?v=iHUeG7ofrRA>

126 *Pensamentos em torno do Sudário*, Acidigital, in: <http://www.acidigital.com/sudario/pensamentos.htm>.

127 VISITA PASTORAL DO PAPA JOÃO PAULO II AS ARQUIDIOCESES DE VERCELLI E DE TURIM. Itália, 23-23 de maio de 1998, n. 2, in: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980524_sudario.html

128 *Ibidem*, 6.

129 E. MARINELLI, *op. cit.*, p. 139.

Conclusão

Inspiramo-nos nas palavras dos homens com vestes fulgurantes diante do Santo Sepulcro para as Santas Mulheres: - "Por que procurais entres os mortos aquele que vive?" - para pesquisar sobre a ressurreição do Senhor. Detivemo-nos na Ressurreição e na sua relação com a história, em enfoques diversos sobre a Ressurreição na Modernidade, até a uma apresentação dos estudos da Ciência sobre o Santo Sudário, que nos dão novas luzes sobre Jesus de Nazaré.

A Ressurreição é um anúncio importante dentro do Evangelho de Jesus Cristo, não é um anúncio periférico. Nos seus discursos e ações, o Cristo tinha preparado os discípulos para esta realidade que iria se impor.

Vimos que determinadas coordenadas certificam o fato da Ressurreição: o fato de Jesus ser um personagem histórico, o sepulcro vazio, as aparições do Senhor Ressuscitado para os discípulos, o testemunho dos discípulos da Ressurreição, incluindo até o próprio martírio dos discípulos por causa desse testemunho, a conversão de São Paulo, para não deixar de citar também o testemunho do próprio Sudário.

Embora a Ressurreição faça parte do núcleo central do anúncio da vida e missão do Senhor, ocorreram diversas tentativas na história para desmerecer a sua importância. O desinteresse intelectual de Atenas iria se mostrar ao longo dos séculos sob novas formas (At 17, 32).

Esse desinteresse ou tentativa de anular a sua importância foi dada na modernidade pelos deístas e racionalistas, que deslocaram a Ressurreição para fora da história. Esse foi o primeiro momento de uma leitura do Jesus histórico que contou com inúmeros adeptos.

Atualmente, escutamos novas vozes e estudos que retomam essas argumentações céticas quanto à vitória do Cristo sobre a cruz. São novos e grandes nomes da Teologia que também se enfileiram nessa perspectiva, para citar Bento XVI, A. Puig e N. T. Wright.

O tema da Ressurreição passou por indiferenças como no caso das leituras que negam a dimensão divina de Jesus de Nazaré, colocando o fato da Ressurreição "de escanteio". Em outra situação, criou-se confusão em torno do sentido da Ressurreição, ao se afirmar que Ernesto Guevara está vivo assim como o Cristo. No terceiro caso, a Ressurreição, inclusive, sofreu ataques diretos de filósofos, como foi no caso das reflexões antiquerigmáticas de Friedrich Nietzsche.

No primeiro caso, a Teologia da Libertação, ao importar da Europa a tese do Jesus histórico, por compreender que viabilizava uma práxis mais inserida no meio popular, consumiu também as teses deístas, como a leitura insuficiente da união hipostática e como a não existência da Ressurreição do Senhor. Os teólogos da libertação entraram em choque com a tradição cristã.

Negar a Ressurreição é fazer dos pobres mais pobres, é negar-lhes o conhecimento do Cristo pleno! Caso se apresente um Cristo não ressuscitado, um Cristo deísta, “marxistizado”, ideologizado, é claro que se rouba dos pobres um dos maiores direitos que podem ter, que é a experiência com o Senhor Ressuscitado.

Querer justificar a não existência da Ressurreição para salvar uma tese de um Jesus histórico não é uma tarefa para um teólogo, mas para os membros da escola de ateísmo ou do clube de Nietzsche.

Um teólogo que se deixa levar pelo deísmo desacreditado no poder de Deus em realizar milagres. Lê os milagres dos Evangelhos, mas não acredita que possam se realizar, e os explica com conclusões moralistas, que podem até fazer sentido, mas que desmerecem o que de fato aconteceu. Quando isso ocorre, temos pregadores do Evangelho que não acreditam naquilo que está escrito. Triste fim de teses que levam às pessoas, ensinando aquilo que não acreditam! Se há uma pequena e grande diferença entre o pregador que acredita no Evangelho e aquele que não acredita. Um prega com autoridade, o outro como um escriba ou fariseu.

Vejam onde chegamos com a teologia dita crítica. Desfez-se tanto dos milagres nos evangelhos que hoje precisamos retomar o valor daquilo que nos foi transmitido. Percebe-se que há necessidade de termos uma posição crítica diante da teologia crítica deísta que nega os milagres. É preciso fazer a crítica da crítica.

Porque os milagres que ocorrem nos santuários católicos são aceitos e os de missa de cura não? Por que o que ocorre nos santuários é denominado milagre e o que sucede nas missas de cura é chamado de magia? Entendemos o que acontece nos Santuários é milagre, porque é fruto de uma oração elevada a Deus, e é respondida. Entendemos que o que ocorre numa missa de cura é milagre, pelo mesmo motivo: resposta de Deus às orações feitas. Desse modo, a missa de cura segue a tradição da manifestação de milagres nos santuários católicos do mundo inteiro.

Quantos milagres têm operado conversões nas vidas das pessoas que estão afastadas de Deus! É melhor um milagre na vida de uma pessoa do que ela permanecer perdida na sua existência.

É preciso aprender, ensinar e viver aquilo que o Anjo Gabriel disse à Maria Santíssima: “Para Deus, nada é impossível!” (Lc 1, 37).

Sobre o segundo ponto, quando falamos em Ressurreição não estamos nos referindo apenas a um ensino que continuou a provocar seguidores, como é o caso da visão reducionista de comparar a Ressurreição de Jesus Cristo com o lema “Che vive!” Diga-se de passagem, muitos sequer conhecem as ideias e a vida de Ernesto Guevara, mas apenas estampas serigrafadas em camisetas. O fato de se repetir que ele lutava contra o sistema de opressão não explica suas posições contra indígenas, bolivianos, negros e gays. Na verdade, as pessoas seguem um mito idealizado pela KGB, por Jean Paul Sartre, Régis Debray, filmes diversos, mas desconhecem o personagem histórico que se apresentava como “máquina de matar”. O próprio Benício del Toro afirmou em entrevistas desconhecer essas indicações. É preciso estudar para encontrar aquele personagem histórico que agiu nas Américas, na África, e não o Che idealizado, inventado e falsificado por seus discípulos. É preciso desmitologizar o Che Guevara, para saber de fato quem foi Ernesto Guevara de la Serna histórico. Um caminho é abandonar as mentiras em volta do Che, para encontrar as verdades da vida de Ernesto.

Ernesto fuzilou, fuzilou e foi fuzilado, morto e enterrado.

Cristo deu a vida por todos, foi crucificado, morto e venceu o sepulcro!

No terceiro caso, a afirmação “Deus está morto” foi assumida por muitos como um dogma contrateológico. A posição dogmática precisa ser colocada em questão, mesmo que seja por posições contrarreligiosas nietzscheanas.

Olhando para a realidade cristã religiosa, mesmo com as indiferenças do mundo contemporâneo, o Cristianismo continua vivo, inclusive no Continente Europeu. Um fenômeno que pode ser citado para ilustrar são as viagens apostólicas dos últimos papas, que sempre têm sido acompanhadas com bastante atenção pela mídia internacional, particularmente com a participação da camada jovem da população.

Um homem despido de Deus seria a solução para a humanidade com novos valores e novas ações? Mas vejamos como seria esse Super-Homem a partir dessa premissa.

Seria o inverso dos Dez Mandamentos. Implicaria não respeitar pai e mãe, matar o semelhante, animalizar o sexo, roubar, inclusive com o direito à corrupção política, mentir para se manter no poder e ocupar cargos.

Poderíamos nos perguntar: isto é a solução para os problemas da nossa sociedade? Se o homem se despisse totalmente de Deus, a consequência não seria um vazio apenas, mas um verdadeiro caos social.

Deus orienta o amor e a bondade. O homem sem amor é um homem com coração de tarântula, e não com um coração de homem. Como não querer viver o amor e a bondade nesta vida? Daria para se matar todo amor e bondade dentro de si e depois desaguar num mar e ficar tudo bem? O próprio Nietzsche, diante de maus tratos feitos a um cavalo, passou mal. É um famoso relato de sua biografia. A bondade para com um animal abalou o seu Super-Homem. Se, porém, passássemos a ver maltratados não só os animais, mas também as pessoas, a bondade para com o semelhante não seria em nós provocada? E viver numa sociedade onde todos se maltratassem e se desrespeitassem, e ninguém se incomodasse na sua bondade com esses fatos, seria esse o tipo de sociedade que gostaríamos de construir?

O niilismo leva a um caos total, ao *tohu e bohü* do Gênesis (Gn 1,2 – sem forma e vazia), momento no qual Deus ainda não tinha iniciado sua obra criadora. Ora, voltar ao *tohu e bohü* é não querer que a obra de Deus tenha se iniciado. A bondade morreria não só para com os outros, mas também para consigo. Por que não dar fim a minha própria vida, já que não existe bondade para comigo mesmo? O que impede?

Na verdade, a proposta antiquerigmática de Nietzsche é um grande engano. Há quem queira se enganar, ou para dar um ar de progressista e ser diferente, fazer de conta que se deixou enganar, porque nem Nietzsche, nem uma pessoa em sã consciência leva até às últimas consequências a premissa de que “Deus está morto”. A consequência do deicídio não seria só a morte do homem ligado a Deus, mas o suicídio mesmo daqueles que se arvorassem a ser nesses moldes um Super-Homem.

A proposta é propagada, mas suas consequências não são assumidas pelos seus adeptos. Aqui não se trata mais só de ateísmo e de progressista, mas de mentira e covardia.

O voltar atrás no Anticristo não resolveu o problema, porque a não aceitação da ressurreição o faz permanecer fora da compreensão de quem foi de fato Jesus de Nazaré.

Matar Deus significa matar a bondade dentro de si, significa viver e estar morto. Aqueles que proclamam convictamente que “Deus está morto”, na verdade, estão apenas dizendo que eles mesmos estão mortos., porque viver não é apenas uma situação biológica, implica também uma dimensão espiritual. Passarão a viver quando descobrirem que Deus está vivo!

Nietzsche justificou sua frase “Deus está morto” na situação de indiferença religiosa da Europa. Poderíamos nos perguntar se esse foi o real motivo que o inspirou. Por que como esse motivo o teria levado a ter tanto ódio contra Deus e se apresentar como o seu maior inimigo? Talvez aquilo que levou a se colocar de uma forma tão contrária a Deus tenha sido um outro fato. Ao início de sua obra *Ecce Homo* revela que a morte do seu pai, quando ele tinha cinco anos, em 1849, fez a sua vida decair. Pode ser que tenha sido a morte do pai, que o tenha feito ter tanto ódio de Deus. Ao mesmo tempo que afirma o deicídio, como ele pode se colocar inimigo de algo que está morto ou que não existe? Isto implica que para ele Deus não estava morto, era real.

Com substrato na experiência de perda, de morte, muitos se revoltam contra Deus. Assim, os revoltados precisariam ser curados para com Aquele que simplesmente os ama. O caminho da cura pode alcançar os corações despedaçados daqueles que levantam suas bandeiras e frases contra o Criador.

Deus é Aquele que quer o melhor para seus filhos. Deus é Aquele que faz cada pessoa ser o melhor que pode ser. Lutar contra Deus é destruir a melhor possibilidade de nossa existência. Quando Nietzsche se postou como inimigo de Deus, ele se colocou contra a melhor possibilidade de sua vida, contra o melhor Nietzsche que poderia existir. Ao lutar contra Deus, lutou contra ele mesmo.

O niilismo que Nietzsche alcançou pode para uns ser um incentivo ao secularismo. Para nós, é apenas uma falta de juízo que nos leva cada vez mais a ser firmes na nossa opção por Deus. Nesse sentido, tal niilismo é um incentivo a buscar uma experiência religiosa mais profunda.

Como dizia São Bento, patrono da Europa, “não me aconselhe coisas vãs, é má a bebida que me serve!”.

O fato histórico da ressurreição vem ser fortalecido com uma testemunha específica e científica dos nossos tempos: o Santo Sudário.

Essa é uma peça única na humanidade, não existe outra igual ou que possa ser comparada. O Sudário vem explicitar certos detalhes dos

evangelhos, está em profunda harmonia com as narrativas dos evangelhos. Estes, por sua vez, tomam bem mais clareza desde os dados do Santo Sudário, principalmente naquilo que é mais caro: a Morte e a Ressurreição de Jesus de Nazaré.

A inteligência é provocada por meio do Sudário e indicando que a Ressurreição não foi algo inventado pelos discípulos. Inclusive os estudos desfazem as ideias de Reimarus segundo as quais o corpo teria sido roubado pelos discípulos que, por sua vez, teriam inventado essa notícia. As manchas de sangue estudadas demonstram que o corpo não teria sido retirado de maneira natural ou humana do seu interior.

No Sudário, estão duas vertentes do conhecimento: - a Ciência e a Teologia - que nos estudos desenvolvidos vêm corroborar o que foi dito pelos homens de vestes fulgurantes, pelos evangelhos e é o que a Igreja tem ensinado através dos tempos: Jesus de Nazaré ressuscitou!

As pessoas procuram Jesus de Nazaré como se ele fosse um que morreu e deixou apenas o seu ensinamento como memória de sua existência na terra.

Jesus não é mais um Reimarus, um Ernesto, um Nietzsche. Eles morreram e continuam mortos. Não procure entre os mortos Aquele que vive!

Quem se encontra com Jesus Ressuscitado sabe que é a experiência mais impressionante que um ser humano pode ter na vida. Existem inclusive diversos testemunhos de muitos que se colocaram até como inimigos de Deus ao longo de suas vidas que tiveram esse encontro, e terminaram por se tornar grandes propagadores da Ressurreição do Senhor.

A Ressurreição do Cristo é uma mensagem fulgurante que uma nova realidade para a humanidade: viver para nunca mais morrer, vida eterna! Assim, a Ressurreição do Senhor precisa ser proclamada, com coragem, na história, na nossa geração e por todos os tempos.

Não aceite teses baratas de teólogos ateus sobre um Jesus histórico que afirmam que Ele não ressuscitou!

Fique com os evangelhos, têm mais futuro!

Concluindo: eu peço a Deus em nome do Seu Filho Morto e Ressuscitado, um milagre em sua vida!

Referências Bibliográficas

Documentos da Igreja

BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2005.

———, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. Trad. Bruno Bastos Lins, São Paulo: Planeta, 2011.

CNBB, *Ritual de Exorcismos e outras súplicas*, São Paulo: Paulus, 2008.

———, *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Paulinas, 1994. Doc. 53.

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Fides et ratio*. (1998) São Paulo: Paulinas, 2008.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração “Dominus Iesus” sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2000.

———, *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*. São Paulo: Paulinas, 1984.

Livros

AA.VV., *Éticas da Mundialidade, O nascimento de uma ética planetária*. São Paulo: Paulinas, 2000.

AA.VV., *Novo Comentário Bíblico*. São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã – Paulus, 2011.

ASLAN, Reza, *Zelota – a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARTH, K., *Carta aos Romanos*. (5 ed.) São Paulo: Saraiva, 2009.

BOBBIO, N. – MATTEUCI, N. – PASQUINO, G., *Il Dizionario di Politica*. Torino: UTET, 2004.

BORN, A. Van den, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BULTMANN, R., *Teología del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 2011.

CAMUS, A., *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COENEN, L. & BROWN., C., *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

DELEUZE, G. – GUATTARI, F., *O Anti-Edipo*. Trad. Joana Varela e Manuel Maria Camilo, Lisboa: Assirio & Alvim, 2004.

DENZINGER – HÜNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*. São Paulo: Paulinas – Loyola, 2007.

Encyclopædia Britannica. Cambridge: Cambridge University, 1911.

FESTINGER, L. – RIECKEN, H. – SCHACHTER, S., *When Prophecy Fails*. Minneapolis: U. of Minnesota Press, 1956.

FESTINGER, L., *A Theory of Cognitive Dissonance*. Stanford: Stanford, 1957.

FOUCAULT, M., *Préface à la transgression*. Fécamp: Lignes, 1963.

Fragments from Reimarus – Brief critical Remarks on the object of Jesus and his disciples as seen in the New Testament. Translated from the german of. G.E. Lessing. London - Edinburgh: Williams - Norgate, 1879.

HEIDEGGER, M., *Ser e Tempo*. 15 ed., Petrópolis – Bragança Paulista: Vozes – Universidade São Francisco, 2005.

J. M. HULL, *Hellenistic and Synoptic Tradition*, London: SCM Press, 1974.

JONAS, Hans, *Il principio responsabilità*. Un'etica per la civiltà tecnologica. Torino: Einaudi, 2002.

———, *O princípio da vida. Fundamentos para uma biologia filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004.

———, *Tecnica, medicina ed etica*. Prassi del principio responsabilità. Torino: Einaudi, 1997.

JOSEFO, Flávio, *História dos Hebreus*. De Abraão à queda de Jerusalém. Obra completa. Traduzido por Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

LANE, K., *The historical Evidence for the Ressurrection of Jesus Christ*. London – New York: Williams & Norgate – G. P. Putnam's Sons, 1907.

LAPIDE, Pinchas, *Jewish monotheism and Christian trinitarian doctrine: A dialogue*. Minneapolis: Fortress Press, 1981.

———, *A Jewish Perspective*. Eugen, OR, USA: Wipf & Stock Pub, 2002.

LIPOVETSKY. G., *A Era do vazio*. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

LOISY. A., *L'Évangile et l'Église*. 3 ed., Paris: Bellevue, 1904.

LUCARINY, J. G. D., *A morte de Deus e a morte do homem no pensamento de*

- Nietzsche e de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- MAGALHÃES, J. P., *Dicionário de termos psiquiátricos*. Serra Talhada: Centro Tecnológico Pajeú Moxotó, 2005.
- MARCUSE, H., *Eros & Civilização*. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. (1955) Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MARINELLI, E., *O Sudário – uma imagem impossível*. São Paulo: Paulus, 1988.
- MÁRQUEZ, N., *El Canalla*. La verdadera historia del Che. Buenos Aires, 2009.
- MARX, Karl, *Introdução à Filosofia de Direito de Hegel*, São Paulo: Boitempo, 2005.
- McDOWELL, J. – McDOWELL, S., *Evidências da Ressurreição*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011
- MONDIN, Batista, *Curso de Filosofia*, I. São Paulo: Paulinas, 1982.
- NIETZSCHE, F., *Obras incompletas*. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1983. *Os Pensadores*.
- NICOLA, U., *Antologia ilustrada de Filosofia*. Das origens à idade moderna. São Paulo: Globo, 2005.
- OLIVEIRA, M. A., *Filosofia transcendental e religião*. Ensaio sobre a Filosofia da Religião em Karl Rahner. São Paulo: Loyola, 1984.
- , *Reviravolta lingüístico-pragmática na Filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001.
- PAINE, Thomas, *Age of Reason*. Being an Investigation of True and Fabulous Theology. Paris – London: Barrois, 1794.
- PANNEBERG, W., *God of Man*. Philadelphia: Westminster Press, 1968.
- PESCH, Rudolf, *Il Vangelo di Marco. II*. Brescia: Paidea, 1982, *Commentario Teologico del Nuovo Testamento*.
- PINÊS, S., *An Arabic Version of the Testimonium Flavianum and its implications*. Jerusalém: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1971.
- POLETTO, I., *Mística e espiritualidade*. Goiânia: Cáritas, 2003.
- PONDÉ, L. F., *Guia politicamente incorreto da Filosofia*. São Paulo: Leya, 2012.
- PUIG, Armand, *Jesus. Uma biografia*. São Paulo: Paulus, 2010.
- RABUSKE, I. J., *Jesus Exorcista*. Estudo exegético e hermenêutico de Mc 3, 20-30. São Paulo: Paulinas, 2001.

- REALE, Giovanni, *História da Filosofia Antiga. II*. São Paulo: Loyola, 1994.
- RICHARD, P., *Força ética e espiritual da teologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SÁNCHEZ, Juan Reinaldo, *A vida secreta de Fidel*, São Paulo: Paralela, 2014.
- SCHWEITZER, A., *Von Reimarus zu Wrede: eine Geschichte der Leben-Jesu-Forschung*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1906.
- SEGALLA, Giuseppe, *A pesquisa do Jesus histórico*. Trad. Silva Debetto C. Reis, São Paulo: Loyola, 2013.
- SPERBER, Jonathan, *Karl Marx. Uma vida do século XIX*. Trad. de Lúcia Helena de Seixas Brito. Barueri: Amarilys, 2014.
- STRATHMANN, Hermann, *II Vangelo secondo Giovanni*. Brescia: Paidea, 1973.
- TAIBO II, P. I., *Ernesto Guevara, também conhecido como Che*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- THEISSEN, Gerd – MERZ, Annette, *O Jesus histórico. Um manual*. São Paulo: Loyola, 2004.
- TILESSÉ, C. M., *Le Secret messianique dans l'Évangile de Marc*. Paris: Du Cerf, 1968.
- , *Nova Jerusalém. Vol. 1. Reino de Deus*. Fortaleza: Nova Jerusalém, 1986.
- , *Nova Jerusalém. Vol. 2. Eclesiologia*. Fortaleza: Nova Jerusalém, 2001.
- WILLIAMS, James, *Pós-estruturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- WHEALEY, A., *Josephus on Jesus. The Testimonium Flavianum Controversy from Late Antiquity. of modern Times*. New York: Peter Lang Publishing, 2003. Studies Biblical Literature 36.
- WRIGHT, N. T., *A Ressurreição do Filho de Deus*. São Paulo: Academia Cristã – Paulus, 2013.

Revistas

- BORGES, A., Ernst Bloch – A Esperança ateia contra a morte, *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, vol. 2, n. 4, pp. 403-426, 1993.
- CRIAG, W., Contemporary Scholarship and the Historical Evidence for the Resurrection of Jesus Christ, *Truth Journal*, Anaheim, California, USA, vol. 1, pp. 89-95, 1985.

DELAGE, Y., Lettre à M. Charles Richet, *Printemps*, San Quetim, Calafornia, USA, n. 22, pp. 683-687, 31. 5. 1902.

FOUCAULT, M., L'homme est-il mort? (entrevista com C. Bonnefoy), *Arts et Loisirs*, n. 38, 15-21, junho de 1966. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, vol. I., p. 540-544, por Marcio Luiz Miotto. Revisão de Wanderson Flor do Nascimento.

HARTMANN, E. von, Nietzsches "neue Moral", *Preussische Jahrbücher*, Berlin, 67. Jg., Heft 5, S. 501-521, Mai 1891.

SHEEDY, M., Religion in the Public Sphere: The Limits of Habermas's Proposal and the Discourse of "World Religions", *Illumine*, Victoria BC, Canada, vol. 8, n. 1, pp. 3-18, 2009.

TILESE, C. M., O problema sinótico, *Revista Bíblica Brasileira* (RBB), Fortaleza, n. 1, pp. 3-22, 1988.

———, Querigma primitivo, *RBB*, Fortaleza, Ano 2, volumes 1-2-3-4, 1985.

———, Uma tradição batista, *RBB*, Fortaleza, Ano 13, vol. 1-2-3-4, pp. 436-462, 1996.

Textos Internet

ALENCAR, Tito de, *Não se faz de noite uma revolução que é para o dia*. Paris: Frei Tito – Memorial On-line. 1973, in: http://www.adital.com.br/freitito/por/pedras_revolucao.html.

BETTO, Frei, *Carta aberta a Che Guevara*. In: <http://www2.uol.com.br/debate/1175/colunas/colunas03.htm>.

EFE, *Benício del Toro se irrita e abandona entrevista sobre "Che"*, G1, 27.01.2009, 1h01min, in: <http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL973993-7086,00BENICIO+DEL+TORO+SE+IRRITA+E+ABANDONA+ENTREVISTA+SOBRE+CHE.html>.

JÚNIOR, O. G., *Nietzsche e o cristianismo*, CULT, ed. 88, in: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/nietzsche-e-o-cristianismo/>.

JUVENTUDE DO PAPA, *Gemma di Giorgi enxerga sem pupila graças ao Padre Pio*, in: <https://www.facebook.com/juventudedopapa2013/videos/1553868014834192/>.

KING, Zachary, *Would Harry Potter make a good christian?*, All Sains Ministry, in: <https://www.youtube.com/watch?v=UXn0w250QxY>.

LOPES, A. N., *O dilema do método histórico-crítico na interpretação da Bíblia*.

FIDES REFORMATATA X, Nº 1 (2005): 115-138; *idem*. *Protestante: evangélicos estão voltando para a Igreja Católica*. In: <https://www.youtube.com/watch?v=I509HAmk2Kc>.

MOREIRA, Frei G. L., *FSM: A construção de um Outro Mundo Possível de Justiça e Paz por todos e para todos*. In: <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=1532>.

PACEPA, I. M., *Quem foi Che Guevara?* Mídia Sem Máscara, 20.11.2014, in: <http://www.midiasesem mascara.org/artigos/desinformacao/15547-quem-foi-che-guevara.html>.

Pensamentos em torno do Sudário, Acidigital, in: <http://www.acidigital.com/sudario/pensamentos.htm>.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ, *Notificação sobre as obras de P. Jon Sobrino S.J. - Jesu Cristo liberador. Lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret (Madrid, 1991) e La fe em Jesucristo. Ensayo desde las víctimas (San Salvador, 1999)*, in: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_2006_1126_notification-sobrino_po.html.

THE PHOENIX (AZ) City Council Is Now Trying to Block Satanists from Delivering Invocation Prayers, Friendly Atheist, 30.1.2016, in: <http://www.patheos.com/blogs/friendlyatheist/2016/01/30/the-phoenix-az-city-council-is-now-trying-to-block-satanists-from-delivering-invocation-prayers/>.

VISITA PASTORAL DO PAPA JOÃO PAULO II AS ARQUIDIOCESES DE VERCELLI E DE TURIM, Itália, 23-23 de maio de 1998, n. 2, in: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980524_sudario.html

Vídeos

Entrevista do Padre Eugenio Maria com Roberto Cabrini, Conexão Repórter, 03/04/2016, in: <https://www.youtube.com/watch?v=x4eVc-6oZrE>.

INSTITUTO DE LA MEMORIA HISTORICA CUBANA CONTRA EL TOTALITARISMO, *Guevara – anatomia de un mito*. Caiman Productions, outubro/2005, in: <https://www.youtube.com/watch?v=BNvWIJmbw-g>

A RESSURREIÇÃO DE JESUS, Impact 360 Institute, In: <https://www.youtube.com/watch?v=F9wBN8V Hks>.

THE FREE CONGRESS FOUNDATION. *A história do politicamente correto*, in: <https://www.youtube.com/watch?v=18NZZn00L-Q>.

SCHAMA, S., *O poder da arte. Jacques Louis David*. Produced – Directed Clare

Beavan, BBC, in: http://www.dailymotion.com/video/x13xpqo_jacques-louis-david-o-poder-da-arte_shortfilms.

BENÍCIO DEL TORO é entrevistado por jornalista cubana, in: <https://www.youtube.com/watch?v=9CiZkI49fGo>

KON, I., *Iglesia Latinoamericana. Camilo Torres Restrepo*. Untef Media – Universidad Nacional de Tres de Febrero – Encuentro – Ministerio de Educación de la Nación, in: https://www.youtube.com/watch?v=_c2Qxk5Smbc

LÓPEZ, L. – HERRERA, N., “*Camilo Torres fue la figura paralela al Che Guevara*”. *Entrevista a Enrique Dussel*, Colombia Informa, 2.3.2014, in: <http://www.colombiainforma.info/camilo-torres-fue-la-figura-paralela-al-che-guevara-entrevista-a-enrique-dussel-primera-parte/>.

DI GIGLIO, A., *Sudário. O sinal do nosso tempo*. São Paulo: Paulinas, in: <https://www.youtube.com/watch?v=s51X19CwIMQ>.

AARONSON, R., *O mistério do Sudário*. Produced: Editor: William HAUGSE, ACE, Written by V. T. TUNBRIDGE, Discovery Channel. 43Min10s-43min49min, in: <https://www.youtube.com/watch?v=iHUeG7ofrRA>

GEMMA DI GIORGI'S blindness cured by faith & intercession of Padre Pio, In: <https://www.youtube.com/watch?v=kp9TgyjlnS0>.

*Prof. Dr. Pe. Marcos Mendes de Oliveira
Doutor em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana – Roma
Prof. da Faculdade Católica de Fortaleza
Administrador Paroquial Paróquia Jesus, Maria e José
Vila União – Fortaleza